

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG  
Faculdade de Educação – FAE  
Especialização em Formação de educadores para Educação Básica (LASEB)

Carla Daniela de Vasconcelos

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E LITERATURA INFANTIL NO VIÉS DA  
ACESSIBILIDADE COM FOCO PARA A COMUNICAÇÃO AUMENTATIVA E  
ALTERNATIVA**

Itabirito - MG  
2025

Carla Daniela de Vasconcelos

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E LITERATURA INFANTIL NO VIÉS DA  
ACESSIBILIDADE COM FOCO PARA A COMUNICAÇÃO AUMENTATIVA E  
ALTERNATIVA**

**Versão final**

Trabalho da disciplina “Análise Crítica da Prática Pedagógica” (ACPP), da Faculdade de Educação, do Curso de Pós-Graduação Especialização *Lato Sensu* em Docência e Inclusão Escolar: pessoas com deficiência e a prática pedagógica na escola – LASEB, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Jáima Pinheiro de Oliveira.

Itabirito - MG

2025

V331c  
TCC

Vasconcelos, Carla Daniela de, 1974-  
Contaçon de história e literatura infantil no viés da acessibilidade com foco para a comunicação aumentativa e alternativa [manuscrito] / Carla Daniela de Vasconcelos. -- Belo Horizonte; Itabirito, 2025.  
58 p. : il., color.

Monografia -- (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.  
Orientadora: Jáima Pinheiro de Oliveira.  
Bibliografia: f. 56-58.

1. Educação. 2. Educação básica. 3. Educação especial.  
4. Educação inclusiva. 5. Arte de contar historias. 6. Literatura infanto-juvenil -- Estudo e ensino. 7. Livros e leitura para crianças.  
8. Comunicação na educação. 9. Acessibilidade cultural. 10. Inclusão em educação. 11. Itabirito (MG) -- Educação.

I. Título. II. Oliveira, Jáima Pinheiro de. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 808.543

**Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)**

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
Curso de Especialização em Formação em Docência para  
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO NONINGENTÉSIMO VIGÉSIMO OITAVO TRABALHO FINAL DO CURSO DE  
ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO DOCÊNCIA E INCLUSÃO ESCOLAR: PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E A  
PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ESCOLA

Aos doze dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e cinco, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização Formação em Docência para a Educação Básica – com o título” **Contação de história e literatura infantil no viés da acessibilidade com foco para a Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA)**”, do(a) aluno(a) **Carla Daniela de Vasconcelos**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Jaima Pinheiro de Oliveira (orientador) e Joyce Fernandes de Freitas. Os trabalhos iniciaram-se às 8h30, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho APROVADO. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Luciana Gomes da Luz Silva, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte, 12 de julho de 2025.

Aluno(a) Carla Daniela de Vasconcelos  
Carla Daniela de Vasconcelos

Registro na UFMG: 2024696516

Jaima Pinheiro de Oliveira  
Prof. Dra. Jaima Pinheiro de Oliveira Oliveira  
Orientador(a)

Joyce Fernandes de Freitas  
Prof. Ms. Joyce Fernandes de Freitas  
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Luciana Gomes da Luz Silva  
Luciana Gomes da Luz Silva  
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização  
Em Formação em Docência para Educação Básica

*À minha família por compreenderem minha ausência e por todo incentivo.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, a Deus, por me conceder saúde, força e sabedoria para concluir mais esta etapa da minha vida.

À minha família, em especial aos meus pais, minhas filhas e minha neta Sofia Vasconcelos Monteiro.

À minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dra. Jáima Pinheiro de Oliveira, pela paciência na orientação deste trabalho.

Aos estudantes que, no decorrer da pesquisa, participaram comigo na contação de histórias.

Ao Pe. Edvaldo Antonio de Melo, pelo incentivo e por tornar esta caminhada mais leve, através de suas reflexões.

*A vida ganha cor no movimento dos sonhos, vibração na frequência da coragem e encontra  
paz no ritmo da respiração.*

## RESUMO

Tendo em vista o relevante papel da contação de histórias no desenvolvimento infantil e o respeito às crianças com deficiência, este trabalho tem como objetivo conhecer as formas de Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA), bem como divulgar obras literárias por meio da CAA e de outros aspectos de acessibilidade aos professores da Rede Municipal de Educação de Itabirito. Nesse sentido, esta pesquisa — *Contação de História e Literatura Infantil no Viés da Acessibilidade com Foco na Comunicação Aumentativa e Alternativa* — visa conhecer o acervo de literatura infantil acessível disponível na Rede Municipal de Educação de Itabirito, promover a divulgação desses materiais e tornar a contação de histórias acessível a todas as crianças. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa seguiu as seguintes fases: primeiramente, foram levantados os materiais de literatura infantil acessíveis disponíveis no mercado, com diversas possibilidades que podem auxiliar os professores do Ensino Fundamental I na contação de histórias. Em um segundo momento, foram identificados os materiais acessíveis existentes na Rede Municipal de Itabirito. Por fim, no terceiro momento (foco do plano de ação), foram apresentadas as obras acessíveis disponíveis nas redes municipal e estadual de ensino da cidade de Itabirito, com o intuito de dar visibilidade aos professores. Enfim, a pesquisa buscou dar visibilidade ao material acessível disponível para o trabalho com crianças que necessitam de recursos de acessibilidade. Um dos resultados esperados consiste em incentivar a atuação dos professores no uso desses materiais para a contação de histórias.

**Palavras-chave:** Acessibilidade; comunicação aumentativa e alternativa; educação infantil; literatura inclusiva; literatura infantil; tecnologia assistiva.

## ABSTRACT

Given the important role of storytelling in child development and respect for children with disabilities, this study aims to explore forms of Augmentative and Alternative Communication (AAC), as well as to disseminate literary works through AAC and other aspects of accessibility to teachers in the Itabirito municipal education network. In this sense, this research — storytelling and children's literature from an accessibility perspective with a focus on augmentative and alternative communication — intends to explore the collection of accessible children's literature available in the Itabirito municipal education network, promote the dissemination of these materials, and make storytelling accessible to all children. From a methodological point of view, the research follows the following phases: first, the accessible children's literature materials available on the market were surveyed, with several possibilities that can assist elementary school teachers in storytelling. In a second phase, the accessible materials existing in the Itabirito Municipal Network were identified. Finally, in the third phase (focus of the action plan), the accessible works available in the municipal and state school systems of the city of Itabirito were presented, with the aim of providing visibility among teachers. Ultimately, the research sought to highlight accessible materials available for working with children who need accessibility resources. One of the expected outcomes is to encourage teachers to use these materials for storytelling.

**Keywords:** Accessibility; augmentative and alternative communication; assistive technology; children's literature; early childhood education; inclusive literature.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Números de estudantes da educação especializada atendidos pela rede municipal de ensino de Itabirito até 18/02/2024.....	29
Figura 2: Deficiências infantis e seus números na cidade de Itabirito/ 2024.....	29
Figura 3: Folder parte 1.....	31
Figura 4 Folder parte 2.....	31
Figura 5: Página do livro As Aventuras de Pinóquio em braille.....	33
Figura 6: Capa do livro As Aventuras de Pinóquio em braille.....	34
Figura 7: Livro Os olhos de Toninho em braille.....	34
Figura 8: Livro Isso isso - Obra escrita e Áudio livro.....	35
Figura 9: Capa do livro Qual é a cor do amor? (Fonte ampliada).....	35
Figura 10: Capa do livro Juju (Fonte ampliada).....	36
Figura 11: Capa do livro Honestidade (Fonte ampliada).....	36
Figura 12: Pergolado (1) da Escola Laura Queiroz entre árvores e flores.....	37
Figura 13: Pergolado (2) da Escola Laura Queiroz entre árvores e flores.....	38
Figura 14: Pergolado (3) da Escola Laura Queiroz entre árvores e flores.....	38
Figura 15: Pergolado (4) da Escola Laura Queiroz entre árvores e flores.....	38
Figura 16: Pátio da Escola Laura Queiroz entre árvores e flores.....	39
Figura 17: Encenação do Sítio do Picapau Amarelo – personagem Emília.....	40
Figura 18: Exploração da caixa sensorial no Pergolado da Escola.....	40
Figura 19: auditório da escola - recursos auditivos e visuais com fantoches e instrumentos musicais.....	41
Figura 20: Descoberta da Joanelha.....	41
Figura 21: Visita à feira do livro de Itabirito – 11/04/2025.....	42
Figura 22: Uso do tablet para leitura e escuta da história.....	43
Figura 23: Prancha de comunicação alternativa para auxiliar na comunicação.....	43
Figura 24: Prancha de comunicação alternativa para auxiliar na comunicação.....	44
Figura 25: Pinturas e Desenhos diversos.....	44
Figura 26: Arte em pinturas – árvores.....	45
Figura 27: Registros de desenhos feitos pelas crianças após ouvirem história.....	45
Figura 28: Visita à biblioteca pública de Itabirito – 25/10/2024.....	46
Figura 29: Feira literária 2024.....	46
Figura 30: Feira literária 2024.....	47
Figura 31: Foto do cantinho da Leitura.....	47
Figura 32: Cantinho de leitura disponível na sala de aula.....	48
Figura 33: Uso de recursos visuais como fantoches na contação de história.....	48

## SUMÁRIO

<b>MINHA TRAJETÓRIA</b> .....	<b>12</b>
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
<b>2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA</b> .....	<b>20</b>
2.1 Contação de história e Literatura Infantil no viés da Acessibilidade com foco para a Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) .....	20
2.2 Histórico da comunicação alternativa .....	21
2.2.1 Um breve histórico da Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) ...	21
2.2.2 Origens e primeiros registros .....	22
2.2.3 Evolução conceitual e tecnológica .....	22
2.2.5 Linha do tempo resumida da CAA .....	22
2.3 A cidade de Itabirito e a Escola Laura Queiroz .....	23
2.2.4 Perspectiva atual e inclusiva .....	23
2.3.1 Histórico da Cidade de Itabirito-MG .....	23
2.3.2 Histórico da Educação em Itabirito .....	25
2.3.2.1 Itabirito se destaca na educação .....	25
2.3.2.2 Histórico da Escola Laura Queiroz: a origem da educação em Itabirito	27
2.4 Diagnóstico da Educação Especial na Rede Municipal de Itabirito .....	28
2.4.1 Histórico do CMAEE .....	28
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	<b>30</b>
3.1 Fases da Pesquisa .....	30
3.2 Plano de ação .....	30
3.3 Apresentação do folder e das obras na Escola Municipal Laura Queiroz .....	30
<b>4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	<b>32</b>
4.1 Projeto Didático “Maria Flor”: contação de história – do imaginário ao real .....	32
4.2 Descrição de alguns materiais encontrados em escolas de Itabirito .....	33
4.2.1 Material com foco para acessibilidade visual .....	33
4.2.2 Material com foco para acessibilidade auditiva .....	35
4.2.3 Material com foco para acessibilidade visual .....	35
4.3 Registros de momentos de contação de história .....	36
4.3.1 Explorando ambientes, apropriação das áreas externas da escola .....	37

4.3.2	Contação de história temática: utilização de recursos visuais, táteis, sonoro e cenários.....	39
4.3.3	Contação de história: Feira do livro .....	41
4.3.4	Benefícios do Tablet para leitura e escuta da história.....	42
4.3.5	Prancha de Comunicação .....	43
4.3.6	Registros de arte (pintura) a partir da história contada .....	44
4.3.7	Visita à biblioteca pública de Itabirito .....	46
4.3.8	Feira Literária na Escola.....	46
4.3.9	Cantinho da leitura .....	47
4.4	Plataformas e links acessados na internet .....	49
4.5	Discussão dos resultados.....	50
<b>5.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>55</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>58</b>

## MINHA TRAJETÓRIA

Iniciei minha vida escolar no distrito onde nasci, na Escola Estadual, depois municipalizada, Monsenhor Rafael, em Miguel Burnier, distrito de Ouro Preto. Estudei na mesma escola desde a Educação Infantil até a antiga 8ª série. Lembro-me que era apaixonada pela escola, pelos professores e pelos estudos.

Quando ingressei no Fundamental II, veio a angústia, pois no distrito em que eu morava só havia até a 8ª série, portanto, teria que morar em uma cidade para continuar estudando, e era meu sonho desde muito nova, continuar nos estudos. Porém, meus pais não tinham condições financeiras satisfatórias que pudessem me manter estudando e morando em uma cidade. Foi então que, junto com colegas de sala, ao ingressar na 8ª série, nos mobilizamos e montamos uma comissão para reivindicar, junto à prefeitura de Ouro Preto, que nos garantisse o direito de continuidade nos estudos.

No ano seguinte, devido à nossa mobilização, a prefeitura disponibilizou um ônibus para nos levar todas as noites para o município de Congonhas, foi então que descobri que eu estava grávida aos 15 anos. Abandonei os estudos, me casei e só depois da minha segunda filha completar 4 anos, voltei a estudar, ou seja, 8 anos depois.

Ingressei no ensino médio e, por escolha, fiz o Magistério na Escola Estadual Professor Antônio Marques, na cidade de Araguari, no Triângulo Mineiro. Lembro-me de como me sentia realizada cursando o Magistério, curso tão sonhado e aguardado por mim.

Em Araguari, no Triângulo Mineiro, me formei como professora no ano de 1998, quase 10 anos após ter saído do tão pequeno distrito em que eu morava.

Antes mesmo de me formar, lecionei por 2 anos, em uma escola de educação infantil, na cidade de Araguari.

No ano de 2000, mudei-me para a cidade de Ponte Nova, com crise no casamento, problemas financeiros e salário do magistério, inferior ao salário comercial daquela cidade, tive que fazer a opção em trabalhar no comércio.

No ano de 2001, chega ao fim meu casamento. Mudei-me para a cidade de Itabirito no ano de 2003.

Em 2004, comecei a trabalhar em regime de contrato pela prefeitura de Ouro Preto, em um distrito próximo à Itabirito. Trabalhei por 3 anos.

Em 2006, iniciei meu trabalho também em regime de contrato na prefeitura de Itabirito, na Escola Manoel Salvador de Oliveira, trabalhando por 4 anos.

Em 2010, fui transferida para a Escola Municipal José Ferreira Bastos, ficando ali por mais 4 anos, quando fui nomeada pela prefeitura de Belo Horizonte. Lá trabalhei em três escolas, efetiva na Escola Municipal Pedro Nava e com extensão de cargo nas escolas Edson Pisani e Benjamin Jacob, respectivamente, no Aglomerado da Serra e no Sion, atendendo aos estudantes do Aglomerado Santa Lúcia e Morro do Papagaio.

Simultaneamente, trabalhando em Belo Horizonte e Itabirito, pois no ano de 2013, fui nomeada também pela prefeitura de Itabirito, na escola Laura Queiroz, trabalhando assim em Belo Horizonte e em Itabirito. Em 2016, fui nomeada pelo Estado para trabalhar em também Itabirito, fiz a opção por exoneração do cargo pela prefeitura de Belo Horizonte e trabalhar somente na cidade de Itabirito, sendo assim, fui nomeada para trabalhar na escola Estadual Dr. Raul Soares.

Hoje trabalho nas duas escolas, Municipal Laura Queiroz e Estadual Dr. Raul Soares.

Ao fazer o memorial da minha história com a educação, fiz uma das coisas que amo fazer que é contar histórias. Procuro pautar minhas aulas na contação de histórias, as que eu leio, as que eu vivencio e são adaptadas e as que eu crio, dependendo do contexto. Sendo assim, desenvolverei a Análise Crítica da Prática Pedagógica (ACPP) na temática de contação de história e literatura infantil no viés da acessibilidade com foco para a comunicação aumentativa e alternativa.

No que diz respeito ao público da Educação Especial, considero que a contação de história deveria abraçar a todos, envolvendo todos os indivíduos que estão participando daquele momento. Portanto, atuei diretamente nessa área, desenvolvendo uma pesquisa no município de Itabirito, nas escolas da rede, quanto ao material literário disponível para o público da Educação Especial e Inclusiva. Pesquisando por exemplo, obras impressas em braille, áudiolivros, dentre outros materiais de literatura acessíveis.

Nos 20 anos de Educação, percebo que as escolas não investem como deveriam nos materiais acessíveis para os estudantes. Tendo em vista que há uma lei que garante a acessibilidade dos estudantes e vemos, infelizmente, que nem a acessibilidade arquitetônica é garantida ao público das escolas, surgiu um interesse em desenvolver meu trabalho na temática da pesquisa sobre literatura acessível no município de Itabirito, proporcionando acessibilidade a todos os estudantes da escola em que atuo, no que diz respeito ao mundo da literatura infantil.

Minha experiência com Educação Inclusiva, Educação Especial e Inclusão Escolar foi bem no ímpeto, até então nunca havia estudado tão profundamente sobre essa temática. Em minha trajetória educacional, na medida que eu recebia os estudantes público alvo da Educação

Especial, fui buscando informações de como trabalhar com eles, como conseguir afetá-los positivamente, e inseri-los no contexto da contação de história.

Quando eu trabalhava ainda em Belo Horizonte, recebi em uma turma de 6ª ano um estudante com paralisia cerebral com comprometimentos severos. Confesso que eu ficava angustiada, pois não sabia como me comunicar com ele, como ensinar, como contar uma história. Ele apenas movimentava os olhos. Eu não conhecia, não tinha acesso aos dispositivos existentes hoje. Depois, recebi em outra escola, um deficiente auditivo, outro desafio. Não domino a linguagem dos sinais, então, sentia muita dificuldade para me comunicar. Ele fazia muito bem a leitura labial. Agora, tenho em minha turma um estudante com TEA (Transtorno do Espectro Autista).

A partir das experiências vividas, minha pesquisa será com relação às obras de literatura acessíveis aos estudantes na Rede Municipal de Educação de Itabirito, para que os professores da escola em que atuo, conheçam.

Pretendo fazer um levantamento das obras, as especificidades das mesmas e torná-las conhecidas aos colegas da escola em que atuo. Ao final da pesquisa, expor na escola em que trabalho as obras encontradas. Para isso, farei uma pesquisa nas escolas, com o intuito de conhecer o acervo disponível.

Ao longo dos meus 51 anos de idade, com uma carreira na Educação bem vasta e desafiadora, com momentos difíceis, mas também momentos maravilhosos, deparo-me com uma grande possibilidade de crescimento profissional e pessoal diante da especialização que me propus a fazer. Confesso que foi muito bom, e também muito desafiador, tive a oportunidade de relembrar meu tempo de infância na vida escolar, escrever e me emocionar com as lembranças.

Enquanto criança e estudante, lembro-me que era apaixonada pela escola, professores, pelos estudos, as festas encantadoras que haviam, as formaturas, as comemorações em datas importantes e a hora cívica todas as sextas-feiras...

Em minha trajetória acadêmica, desde o Jardim de Infância até atualmente, tenho lembranças de ter muitos colegas. Na infância, havia uns, muito levados, a professora os colocava de castigo ajoelhados em uma porção de milho, dava reguada na palma das mãos, beliscões nos braços e puxões de orelha, eu ficava com medo, então não fazia nada de errado para não ser castigada. São muitas lembranças, o uniforme era uma graça, camisa social vermelha, saia de pregas na cor azul marinho, sapatos pretos e meias vermelhas. Os meus cabelos sempre muito bem arrumados pela minha mãe, ela fazia os cachinhos modelados.

Minha mãe sempre cuidou muito bem de nós e sempre priorizou o estudo para todos os seus filhos.

De 1ª à 5ª série escolar, aprender a ler, escrever, fazer as continhas, criar histórias... eu ficava encantada com as descobertas. Ansiosa para chegar logo na 5ª série, pois assim teríamos acesso ao laboratório de ciências. Eu amava a biblioteca da escola. Para mim, ela era um verdadeiro paraíso.

As regras e os castigos na escola eram cada vez mais severos à medida que passávamos de ano e eu continuava com medo.

Na 5ª série, talvez por causa da idade, consigo me lembrar de mais fatos, tenho lembranças de um colega que achávamos “meio estranho”, ele falava sozinho, brincava sozinho, às vezes, ficava muito agitado, então o “inspetor de alunos”, o pegava com brutalidade e o levava para uma sala escura, “secreta”, aquela sala era temida por todos, ninguém via ou sabia o que acontecia lá, era a sala do pânico. Quando já adulta, descobri que aquele menino da 5ª série era esquizofrênico, todos o chamavam de doido e aquela sala era para, além dos meninos castigados, também para colocar o menino da 5ª série quando ele entrava em crise.

Confesso que estudar era meu sonho, mas não tinha muitas perspectivas, além de tudo, com tanto medo que eu tinha, poderia ter desistido, mas algo me dizia que ainda com medo, eu deveria seguir em frente, foi o que eu fiz.

O distrito onde nasci era um lugar de “sonhos mortos” devido ao isolamento, às dificuldades por ser um lugar tão deixado de lado, esquecido pelos poderes públicos. Quase não tínhamos contato com a cidade, conhecíamos o mundo através das novelas, que minha mãe assistia e dos jornais que meu pai gostava de ver. Mas eu sabia que na escola, através dos estudos eu poderia ir além daquele pequeno lugar. Confesso que foram momentos de muita ansiedade, medo, incerteza... nasci e morei num lugarejo muito pequeno, cercado de preconceitos, tabus, regras e muitas superstições. Mas com dedicação, perseverança e muita fé, venci.

No decorrer de minha trajetória como professora, por vários momentos deparei-me com a dúvida de como proceder com relação aos estudantes com deficiência. Lembro-me que quando cheguei para trabalhar na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, tive o primeiro contato com uma política pública pensada na pessoa com deficiência. Nas escolas que trabalhei, havia muitas PCDs, havia também profissionais de apoio, salas de AEE (Atendimento Educacional Especializado), enfim, uma rede de ensino que buscava atender as necessidades dessas pessoas e também atender às legislações. Foi quando comecei a ter um norte.

Hoje na escola estadual em que atuo, há uma sala AEE, vejo os profissionais atuarem com os estudantes, temos nas duas redes em que trabalho, professores de apoio e um número grande de estudantes com deficiência e muitos casos sendo investigados.

Ao me deparar com o curso, a decisão por cursar a pós-graduação do LASEB nesta área de docência e inclusão escolar se deu pelos desafios que tenho me deparado e não tendo formação na área, então, considerei pertinente cursar essa pós, considerando ser muito importante para a minha formação profissional, uma vez que, conhecendo melhor sobre esses estudantes da Educação Especial, como eles são afetados, que tipo de material usar, como abordá-los neste momento da contação de histórias, desse modo, posso atuar de forma mais assertiva.

O Plano de Ação foi desenvolvido envolvendo pesquisa de materiais disponíveis na rede do município de Itabirito e materiais acessíveis disponíveis no mercado e divulgação deste material na escola municipal em que atuo, uma vez que a ACPP foi desenvolvida nela.

## 1. INTRODUÇÃO

A Contação de histórias instiga a imaginação, a criatividade, a oralidade, incentiva o gosto pela leitura, contribui na formação da personalidade da criança e do adolescente, envolvendo o social e o afetivo (FALB, 2016). O ato de contar histórias deve aguçar todos os sentidos, tocando o coração e enriquecendo a leitura de mundo na trajetória de cada um. Neste sentido, podemos afirmar que contar histórias é saber criar um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção, no qual o enredo e os personagens ganham vida, transformando tanto o narrador como o ouvinte.

Na formação de uma criança, ouvir histórias é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho infinito de descobertas e compreensão do mundo. O ato de contar e ouvir histórias trabalha a linguagem oral abrindo caminhos para que possamos aprender a falar, escrever, ler e pensar melhor (PMBG, [s.d.]) O principal objetivo da atividade de contação de histórias é favorecer o contato das crianças e adolescentes com os livros, despertando o interesse pela prática literária e criar a cultura da leitura, além de: incentivar crianças e adolescentes a ouvir, apreciar, gostar de ouvir, ler histórias e soltar a imaginação; aguçar e incentivar desde cedo a leitura do público infante juvenil e incentivar a criatividade.

As pessoas, ao ouvirem uma história, podem fazer associações das suas próprias vivências como: trabalhar os anseios, sentimentos e dificuldades, fazendo com que se identifiquem com o contexto da história que está sendo contada; abrir caminhos para que o público ouvinte seja de futuros bons leitores; despertar através do lúdico, como forma terapêutica, a cura de traumas, fobias, medos, uma vez que a história contada além de estimular a imaginação, a oralidade e a escrita, é uma prática pedagógica que exercita as conexões neurais da criança, fazendo com que ela se identifique com as situações e desenvolva meios de lidar com seus sentimentos e emoções (Caldin, 2001).

No entanto, mesmo levando em consideração estes elementos anteriores, no decorrer de minha trajetória como professora de ensino fundamental e contadora de história, deparei-me com crianças que necessitavam de adaptações pedagógicas pois, devido a alguma deficiência como surdez, cegueira e outras, não eram afetadas efetivamente na contação de histórias. Pensando como incluí-las nesse mundo mágico da contação de histórias é que surgiu em mim o desejo de estudar e aprofundar sobre essa temática.

De acordo com a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), também chamada de Estatuto da Pessoa com Deficiência – Lei nº 13.146/2015 – trata-se de uma lei que visa garantir e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e liberdades fundamentais por pessoas com deficiência. A LBI busca a inclusão social e cidadania, protegendo contra discriminação e garantindo acesso a diversos direitos. No que diz respeito à educação, a lei assegura o direito à educação

inclusiva, com atendimento educacional especializado e adaptações pedagógicas para garantir o acesso ao currículo e o desenvolvimento acadêmico de estudantes com deficiência.

E assim nasceu o projeto “Contação de história e Literatura Infantil no viés da Acessibilidade com foco para a Comunicação Aumentativa e Alternativa”. Trata-se de um trabalho que visa conhecer as formas de comunicação suplementar e alternativa, bem como de tornar conhecidas as obras literárias acessíveis, com foco para a comunicação alternativa aos professores.

Esta pesquisa visa conhecer o acervo de Literatura Infantil acessível disponível na Rede, promover a divulgação desses materiais e tornar a contação de história acessível. Viviane Rodrigues *et. al.* (2015, p. 696) chama essa proposta de “comunicação suplementar”. Segundo ela, isto se dá “quando a pessoa utiliza outro meio de comunicação para complementar ou compensar limitações que a fala apresenta, mas sem substituí-la totalmente”. E continua ainda a autora, afirmando: “A comunicação é alternativa quando a pessoa utiliza outro meio (pranchas, figuras ou objetos concretos para se comunicar) ao invés da fala devido à impossibilidade para articular e produzir sons adequados” (2015, p. 696).

A arte de contar histórias tem circulado em vários contextos, como escolas e, mais especificamente, bibliotecas escolares. A contação de histórias é instrumento que serve como ponte para transitar nas dimensões afetivas, cognitivas e sociais do ser humano e ampliar os significados que tornam as pessoas mais humanas, íntegras, solidárias e cidadãs. O ato de contar histórias pode ser considerado como social e coletivo, que se materializa por meio da escuta afetiva e efetiva (Busatto, 2013).

Em outras palavras, contar história é um modo de manter e sentir-se vivo, bem como de sensibilizar e encantar o ouvinte, considerando aqui como ouvinte, aquele que ouve ou aquele que está inserido no contexto da contação de história, mesmo que não possua o sentido da audição, despertando o imaginário para a criatividade. O ato de contar história é também uma forma de socializar saberes e reelaborar crenças. Trata-se, portanto, de uma prática social e coletiva.

A Literatura infantil, através da contação de histórias, é significativa para o processo de ensino e aprendizagem, pois traz relevantes informações que abordam a importância da literatura para crianças visando a inclusão de estudantes com deficiência. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujo procedimento metodológico consistiu em uma pesquisa sobre literatura inclusiva nas escolas de Itabirito. Com esta pesquisa, pretende-se reforçar que a literatura infantil, através da contação de histórias, é um importante recurso para a inclusão de estudantes com deficiência.

Por fim, esse trabalho encontra-se distribuído em três capítulos. No primeiro, será feita uma contextualização do tema, com base em três aspectos: 1) a falta de material acessível para a contação de história, de modo que não conseguíamos afetar as crianças, justamente pela falta deste material;

2) apresentaremos o histórico da comunicação alternativa; 3) será apresentado o diagnóstico da Educação Especial na Rede Municipal de Itabirito. No segundo capítulo, apresentaremos a metodologia, com o organograma proposto, fazendo: 1) a descrição das fotos de alguns livros encontrados na escola de Itabirito; 2) a descrição dos links acessados na internet; 3) apresentação do folder que será distribuído na exposição das obras na Escola Municipal Laura Queiroz; e 4) como será a exposição. No terceiro capítulo, faremos a análise e discussão dos resultados. Seguiremos com a conclusão e as referências.

## 2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

### 2.1 Contação de história e Literatura Infantil no viés da Acessibilidade com foco para a Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA)

A contação de histórias e a literatura infantil são ferramentas fundamentais no desenvolvimento da linguagem, da imaginação e da cognição na infância. Tendo em vista a importância dos aspectos citados, é necessário que seja proporcionado aos estudantes o contato com obras literárias, bem como momentos em que os estudantes vivenciem contação de histórias. Quando vistas sob a perspectiva da Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA), essas práticas ganham uma nova dimensão, permitindo a inclusão de crianças com deficiências na comunicação oral expressiva, ampliando suas possibilidades de interação, expressão e participação social. Deste modo, para que sejam potencializados os benefícios dessas práticas, são necessárias adaptações pertinentes para que todos se beneficiem (Santos *et. al.*, 2024).

Desse modo, Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) refere-se a um conjunto de estratégias, recursos e tecnologias que têm como objetivo complementar ou substituir a fala de pessoas com dificuldades significativas de comunicação. De acordo com Light e McNaughton (2014), a CAA não apenas oferece meios de comunicação, mas também promove o desenvolvimento da linguagem, o engajamento social e o empoderamento do indivíduo. Nesse sentido, esse modo de comunicação, em particular, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da linguagem, pois vai além de um instrumento e promove socialmente o indivíduo. Ele desenvolve outras habilidades comunicativas, envolvendo fatores psicossociais, atitudes de confiança e resiliência, e, sobretudo inserindo aqueles indivíduos que, apenas com o uso de livros tradicionais, não seriam afetados por causa de baixa visão, de uma interação da fala direta, por exemplo, com recursos da CAA, essas barreiras são diminuídas ou até mesmo suprimidas.

Ao integrar a CAA à contação de histórias e à literatura infantil, cria-se um ambiente acessível que respeita e valoriza a diversidade comunicativa, e não só, mas dá também à criança a autonomia, proporciona interação e com isso, autoestima. Segundo Beukelman e Mirenda (2013), os recursos de CAA – como pranchas de comunicação, softwares com voz sintetizada, símbolos pictográficos (como os do sistema PCS – Picture Communication Symbols) e objetos concretos – podem ser utilizados para facilitar o entendimento e a participação ativa das crianças durante as atividades literárias, incluindo o apoio nas atividades educacionais. Assim sendo, há uma grande necessidade de a CAA se tornar habitual nas salas de aula em todos os momentos.

A literatura infantil, nesse contexto, serve como ponto de partida para o desenvolvimento de competências comunicativas. Além disso, a mediação do adulto, seja por meio da leitura

compartilhada ou da dramatização de histórias, é essencial para criar oportunidades de uso funcional da CAA. Como destaca Janice Light (1988), a comunicação efetiva deve abranger quatro funções principais: expressão de necessidades, transferência de informações, manutenção de relações sociais e expressão social.

Autoras como Claudia Werneck (1997), ao abordar a educação inclusiva, também enfatizam a importância do acesso igualitário à linguagem e à cultura como um direito de todos, inclusive daqueles com deficiências. A contação de histórias adaptada, com o uso de símbolos visuais, recursos auditivos e interação sensorial, contribui para esse processo de inclusão cultural e educacional.

Conforme o estudo, a educação inclusiva é uma oportunidade para incluir minorias marginalizadas nas sociedades, como estudantes com dificuldades de aprendizagem e necessidades especiais. De fato, de acordo com Werneck (1997), a inclusão quebra barreiras impostas pela sociedade e promove o acesso igualitário à linguagem e à cultura como sendo um direito de todos. E para que haja verdadeiramente a inclusão, é necessário nos abirmos às adaptações, de currículo, de materiais de apoio, enfim, não só aderir às práticas tradicionais, que por muitas vezes são excludentes, mas também às práticas inclusivas.

No Brasil, pesquisadoras como Gládis Perlin (2017) têm contribuído significativamente para o campo da educação inclusiva e da acessibilidade comunicacional. Perlin destaca que o acesso à literatura, quando mediado por tecnologias assistivas e práticas inclusivas, transforma a relação da criança com o mundo, favorecendo o desenvolvimento da identidade e da autonomia. Em sua pesquisa, Perlin (2017) discute como a identidade surda pode se manifestar de diferentes formas, dependendo da origem da surdez, acesso à língua, histórias pessoais e laços com a comunidade .

Portanto, aliar a literatura infantil e a contação de histórias à CAA não é apenas uma estratégia pedagógica, mas um compromisso com a inclusão e com o direito à comunicação. Ao adaptar histórias e criar ambientes literários acessíveis, educadores, terapeutas e familiares contribuem para uma infância mais justa, rica em experiências simbólicas e afetivas que com certeza marcarão positivamente a vida da criança e contribuirão para uma aprendizagem mais efetiva.

## 2.2 Histórico da comunicação alternativa

### 2.2.1 Um breve histórico da Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA)

A Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) é um campo interdisciplinar que surgiu com o objetivo de apoiar pessoas com complexas necessidades de comunicação, por meio de estratégias, recursos e tecnologias que ampliam ou substituem a linguagem oral. O desenvolvimento da CAA está diretamente ligado à evolução das áreas da fonoaudiologia, educação especial, terapia ocupacional e tecnologias assistivas.

### 2.2.2 Origens e primeiros registros

As primeiras iniciativas relacionadas ao uso de formas alternativas de comunicação remontam à década de 1950, quando começaram a surgir os primeiros estudos sobre sistemas não orais de comunicação para pessoas com paralisia cerebral. No entanto, foi somente na década de 1970 que o termo “*Augmentative Communication*” começou a ser utilizado de forma mais sistemática nos Estados Unidos, à medida que crescia a conscientização sobre os direitos das pessoas com deficiência e sua inclusão social.

Inicialmente, os recursos eram bastante simples, como quadros com símbolos, gestos ou palavras, usados por educadores e terapeutas para apoiar a comunicação de alunos não falantes. Na mesma época, surgem os primeiros dispositivos eletrônicos rudimentares, que reproduziam sons ou palavras pré-gravadas.

### 2.2.3 Evolução conceitual e tecnológica

Durante os anos 1980 e 1990, o campo se consolidou academicamente e passou a ser conhecido como Comunicação Aumentativa e Alternativa (AAC – *Augmentative and Alternative Communication*), abrangendo tanto estratégias para ampliar (aumentativa) quanto para substituir (alternativa) a fala. Autores como David Beukelman e Pat Mirenda tornaram-se referências internacionais ao sistematizar as práticas de CAA e propor modelos teóricos que incorporavam aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e culturais da comunicação. Nesse período, a tecnologia assistiva (TA) que é um conjunto de produtos, equipamentos, dispositivos, serviços e estratégias que visam promover a funcionalidade, a atividade e a participação de pessoas com deficiência, avançou significativamente visando autonomia, independência e inclusão da pessoa com deficiência.

Em outras palavras, a TA é tudo aquilo que ajuda uma pessoa com deficiência a realizar atividades e tarefas que, de outra forma, seriam difíceis ou impossíveis devido à sua condição. Com o surgimento de softwares e dispositivos com síntese de voz, teclados adaptados, telas sensíveis ao toque e, mais recentemente, aplicativos para tablets e smartphones, ampliou o acesso à comunicação para diferentes perfis de usuários.

### 2.2.5 Linha do tempo resumida da CAA

1950–1960: Primeiros usos informais de comunicação alternativa com crianças com deficiência;

1970: Surgimento do termo *Augmentative Communication* nos EUA;

1980–1990: Consolidação do campo da CAA e desenvolvimento de sistemas e dispositivos especializados;

2000 em diante: Integração com tecnologias digitais, ampliação da abordagem inclusiva e do reconhecimento dos direitos comunicativos.

### 2.3 A cidade de Itabirito e a Escola Laura Queiroz

Em 2013, a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) realizou um diagnóstico na Rede Municipal de Ensino de Itabirito, que identificou a necessidade de apoio e orientação em relação à inclusão das crianças com deficiências, transtorno do espectro autista e altas habilidades/superdotação.

#### 2.2.4 Perspectiva atual e inclusiva

Nas décadas mais recentes, a CAA passou a ser vista não apenas como um recurso para comunicação funcional, mas como uma estratégia para garantir direitos, participação social e inclusão. A abordagem contemporânea (Light, J; *et. al.*, 2019) defende que todas as pessoas, independentemente de suas habilidades comunicativas, têm o direito de se expressar e serem ouvidas.

#### 2.3.1 Histórico da Cidade de Itabirito-MG

A cidade de Itabirito está situada na região central de Minas Gerais, entre Belo Horizonte e Ouro Preto. Seu nome tem origem indígena e significa “pedra que risca vermelho”, uma referência ao minério de hematita, muito encontrado na região<sup>1</sup>.

O povoamento da localidade, hoje chamada de Itabirito, começou no início do século XVIII, durante o ciclo do ouro, quando bandeirantes e garimpeiros exploravam as riquezas minerais em Minas Gerais. O seu crescimento do território deve-se à sua localização geográfica, parte do caminho entre os arraiais de Sabará e Ouro Preto. Em outras palavras, quando os bandeirantes vindos de Curral Del Rey e avistavam o amontado de terras, hoje chamado de “Pico” de Itabirito, eles já sabiam que estavam na metade do caminho que deveriam percorrer para se chegar a Vila Rica, atual Ouro Preto. Com o tempo, a atividade mineradora e o desenvolvimento agrícola fortaleceram a economia local. A cidade cresceu em torno da fé, da mineração e do comércio.

Anteriormente, as terras itabiritenses pertenciam ao município de Ouro Preto. Sua emancipação se deu em 1923. Antes, o povoado era conhecido como Itabira do Campo. Desde então, com a

---

<sup>1</sup> Informações disponíveis em: [itabirito.mg.gov.br](http://itabirito.mg.gov.br). Acesso em: 16 dez. 2024.

emancipação, a cidade continuou a se desenvolver, diversificando sua economia, mantendo tradições culturais e valorizando seu patrimônio histórico e natural.

Hoje, Itabirito é conhecida por sua gastronomia (como o famoso pastel de angu), suas festas tradicionais, a bela paisagem montanhosa e sua importância no cenário econômico de Minas Gerais, especialmente nas áreas de mineração e indústria.

Atualmente, a mineração se tornou a principal fonte de emprego. Isso se deve ao fato de a cidade de Itabirito está localizada em uma área rica em minério de ferro – o quadrilátero ferrífero – que atrai grandes empresas do setor. A principal empresa que atua na região é a Vale S.A., além de outras mineradoras de médio e grande porte. Esse setor gera empregos diretos e indiretos, movimentando também os setores de transporte, manutenção, segurança e engenharia. A mineração é também responsável por trazer mão de obra de várias partes do país, principalmente do norte e nordeste. A cidade então, recebe um grande fluxo de pessoas que vem em busca de um emprego.

Além da mineração, há outros setores importantes, como: a indústria que abriga o *Distrito Industrial* com diversas fábricas e empresas de médio porte, incluindo metalúrgicas e alimentícias; os serviços ligados ao comércio, saúde, educação e turismo que são importantes, especialmente na área urbana; o agronegócio e a agricultura familiar que mesmo em menor comparação com a mineração, também possuem sua importância na zona rural, com produção de hortaliças, leite e artesanato rural.

Devido, sobretudo, à exploração mineradora, o fluxo migratório em Itabirito apresenta características bem interessantes, misturando crescimento interno, migração dentro de Minas Gerais e chegada de imigrantes recentes. Com base nos últimos census, a população de Itabirito cresceu de 45.449 (2010) para 53.282 habitantes (2022), um aumento de 17,2% em 12 anos, com alta taxa entre os municípios da região. Apesar disso, os números indicam um saldo migratório líquido negativo em relação a outros municípios de Minas, com cerca de menos de 3.092 pessoas (por mil) entre 2005 e 2010, significando que mais pessoas saíram de Itabirito para outros municípios. Ou seja, o crescimento da população é resultado principalmente de nascimento natural e de atração de pessoas via oportunidades econômicas, não de migração dentro do estado.

No que diz respeito à migração internacional, após 2020, Itabirito passou a receber famílias de imigrantes, especialmente venezuelanas, por meio de programas como a “Operação Acolhida”. Trata-se de famílias que vêm em busca de trabalho e apoio no município. Essas entradas internacionais são relativamente isoladas, mas contam com suporte oficial (CREAS, CRAS, SEMAS) para documentação e inclusão social.

Em relação ao contexto histórico da cidade de Itabirito, pode-se afirmar que o crescimento da população se deve mais ao nascimento e atração de trabalhadores do que à migração interna. Isso

mostra que há um saldo negativo de migração dentro de Minas, já que muitas pessoas saem do município. A chegada de imigrantes estrangeiros é recente e bem organizada, mas ainda em escala pequena. O setor de mineração é o principal atrativo, impulsionando a chegada de trabalhadores.

### 2.3.2 Histórico da Educação em Itabirito

#### 2.3.2.1 Itabirito se destaca na educação

Do ponto de vista educacional, Itabirito se destaca na educação desde a educação infantil até o Ensino Fundamental Nivel II, com profissionais valorizados, investimentos em material pedagógico, didático e tecnológico; formação continuada para os docentes; a maioria dos prédios revitalizados; transporte e merenda escolar de qualidade para todos; e destaque a nível nacional na alfabetização. A cidade conquistou o Selo Nacional Compromisso com a Alfabetização na categoria Ouro, sendo a única com essa classificação entre os cinco municípios avaliados. Além disso, alunos da rede municipal foram premiados na 19ª Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP), com medalhas de ouro, prata e bronze. A Escola Municipal Manoel Salvador de Oliveira também teve destaque em reportagem do Jornal Hoje (TV Globo) por um projeto inovador de incentivo à leitura. A prefeitura também instituiu o diploma “Aluno Destaque” para reconhecer o bom desempenho escolar e a conduta exemplar dos alunos da rede municipal (Prefeitura de Itabirito, 2024)<sup>2</sup>.

Segue a lista das 27 escolas municipais (pré-escolas e EMEFs) de Itabirito – MG, conforme cadastro do portal *Escolas.com.br*:

#### **Centros Municipais de Educação Infantil (Creche e Pré-escola):**

- CEMI – Professor Alcides Rodrigues Pereira (Santa Rita)
- Centro Municipal de Educação Infantil Anjinho Dourado (Novo Itabirito)
- Centro Municipal de Educação Infantil Apasc (Centro)
- Centro Municipal de Educação Infantil Bem Me Quer (Agostinho Rodrigues)
- Centro Municipal de Educação Infantil Branca de Neve (Centro)
- Centro Municipal de Educação Infantil Cantinho Feliz (Santa Rita)
- Centro Municipal de Educação Infantil Chapeuzinho Vermelho (Munu)
- Centro Municipal de Educação Infantil Cinderela (Bela Vista)
- Centro Municipal de Educação Infantil Darcy Efigênia da Cruz Pereira (São José)
- Centro Municipal de Educação Infantil Dona Baratinha (Vila Gonçalo)
- Centro Municipal de Educação Infantil Pedacinho do Céu (Saudade)

---

<sup>2</sup> Ver texto disponível em: <https://itabirito.mg.gov.br/noticia/educacao-de-itabirito-e-destaque-nacional/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

Centro Municipal de Educação Infantil Pequeno Cidadão (Saudade)  
 Centro Municipal de Educação Infantil Peter Pan (Distrito Industrial)  
 Centro Municipal de Educação Infantil Tia Lolinha (Padre Adelmo)  
 Centro Municipal de Educação Infantil Vovó Ana (Santa Efigênia)  
 Centro Municipal de Educação Infantil Ziléa Zenith Rodrigues Baeta (Quintas dos Inconfidentes)

### **Escolas Municipais de Ensino Fundamental**

Escola Municipal Ana Amélia Queiroz (Gutierrez)  
 Escola Municipal Antônio Toledo Sobrinho (Marzagão)  
 Escola Municipal de Acuruí (Acuruí)  
 Escola Municipal Guilherme Hallais Franca (Vila José Lopes)  
 Escola Municipal José Ferreira Bastos (Bela Vista)  
 Escola Municipal Laura Queiroz (Esperança)  
 Escola Municipal Manoel Salvador de Oliveira (São José)  
 Escola Municipal Natália Donada Melillo (Santa Efigênia)  
 Escola Municipal Padre Antônio Cândido (São Gonçalo)  
 Escola Municipal Professora Olímpia Mourão Malheiros (Córrego do Baçõ)  
 Escola Municipal Ribeirão do Eixo (Ribeirão do Eixo)

Antes da emancipação (1923), a instrução formal era esparsa, mas avançou com professoras pioneiras, como Ruth Barbosa da Silva, uma das primeiras a se formar. Ela iniciou o magistério por volta dos anos 1950-1960 e influenciou gerações.

Como se verá no tópico seguinte, a Escola Laura Queiroz é um marco desta história. Foi fundada em 1910 como “Escola Mista de Esperança”, passou por várias reorganizações (1944 como Reunida, 1960 Grupo Escolar e, desde 1998, municipal) e, em 2010, celebrou 100 anos como instituição pública de ensino fundamental.

Até 2019, a educação infantil era oferecida em prédios alugados temporariamente, enfrentando desafios de espaço e infraestrutura. Em 2 de junho de 2019, foi inaugurado o primeiro Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI). O Centro Municipal de Educação Infantil Ziléa Zenith Rodrigues Baêta, planejado para 200 crianças; em 9 de agosto de 2020, outro CMEI, o “Tia Lolinha”, no bairro Padre Adelmo, foi inaugurado com capacidade para 200 crianças e infraestrutura acessível.

Vários CMEIs funcionavam em imóveis alugados, com deficiências estruturais e carência de profissionais capacitados. Em 2022, Itabirito recebeu a metodologia “Trilhas do Saber — Aprendizagem Criativa”, desenvolvida pela Vale e Faber-Castell, aplicada em quatro escolas municipais. O programa estimula criatividade, resolução de problemas e uso de atividades interativas.

E assim, como resultados, a rede municipal superou metas do IDEB 2015: alcançou 6,7 nos anos iniciais (meta 2019 era 6,1) e 5,4 nos anos finais (meta 2017 era 5,0), índices acima da média estadual e nacional. Em 2023, destacou-se também em olimpíadas escolares (OBMEP) e aprovações em institutos federais, com 85 alunos aprovados e 25 premiados na Olimpíada de Matemática.

Um dos fatores relevantes é a infraestrutura recente. Em março de 2024, a Escola Municipal José Ferreira Bastos (bairro Bela Vista) passou por revitalização: banheiros, acessibilidade, quadra, janelas e pintura. E em agosto de 2023, na Escola Manoel Salvador de Oliveira, foi criado um álbum de figurinhas comemorativo pelo centenário da cidade, reforçando o ensino patrimonial.

### *2.3.2.2 Histórico da Escola Laura Queiroz: a origem da educação em Itabirito*

A Escola Laura de Queiroz tem um papel fundamental na educação de Itabirito, em sua história e evolução. A escola foi fundada em (1910), uma iniciativa de Laura Machado de Queiroz, esposa do engenheiro José Joaquim de Queiroz Jr., pioneiro siderúrgico<sup>3</sup>.

Ao longo do tempo, a Escola passou por transformações. Em 23 de dezembro de 1944, reorganizou-se como “Escola Reunida Laura Queiroz” com direção de Martha Margarida Bastos; em em 5 de dezembro de 1960, adotou o nome “Grupo Escolar Laura Queiroz”. Já em janeiro de 1998, integrou-se à rede municipal como “Escola Municipal Laura Queiroz”. Em 2010, celebrou-se o Centenário da Escola, com apresentações, exposições, vídeos e missa, encerrando as festividades em dezembro.

Do ponto de vista do ensino e do seu perfil pedagógico, a escola atende alunos do 1º ao 5º ano, em período integral, com merenda nutritiva supervisionada por nutricionista. Em sua missão e visão, seu foco está no desenvolvimento cognitivo, social e empreendedorismo, integrando escola, aluno e família. Dentre seus projetos e inovações, prima pela sustentabilidade e meio ambiente. Em 2019, inaugurou um Espaço Ecológico de leitura e contemplação (quiosque), resultado de prêmio Gerdau Germinar (2017). Em 2022, venceu o 1º lugar no Prêmio Gerdau Germinar, com projeto “Recanto das Abelhas Sem Ferrão”.

A escola tem realizado parcerias e buscado novas metodologias. De modo recente, participou do programa “Boas Práticas em Sustentabilidade”, com a Vale em 2010 através da criação do coral e

---

<sup>3</sup> Os dados apresentados sobre a escola estão disponíveis em: <https://jornalvozativa.com>. Acesso em: 10 dez. 2024.. Oficialmente, a escola foi lançada em 13 de junho de 1910 como “Escola Mista de Esperança”.

de peças teatrais sobre reciclagem. Desde 2022, adotou o projeto “Trilhas do Saber – Aprendizagem Criativa” da Vale/Faber-Castell, promovendo metodologias ativas e formação de professores. Tem desenvolvido atividades socioambientais e humanitárias. Em parceria com a ONG Vidanimal, participou do projeto “Cãomiando”, trazendo educação ambiental e respeito aos animais, mesmo durante reformas após enchentes.

Em relação à Infraestrutura e reformas, os projetos de reformas pós-enchente (2022) ainda estão em fase de implantação. Após danos estruturais, a Prefeitura realizou reparos na cozinha, pisos, pintura, alambrados e mobiliário. Melhorias no entorno foram implementadas em 2023. A ponte de acesso à escola, na Av. Queiroz Júnior, foi revitalizada, garantindo segurança e acesso. E, assim, alguns resultados podem ser vistos, por exemplo, no desempenho no IDEB<sup>4</sup>. Em 2018, atingiu nota 5,8 nos anos iniciais, acima da meta estabelecida (5,0).

Outro elemento que pode ser observado de modo positivo na escola é o seu empoderamento cultural. Realiza-se eventos como piquenique, arraiaá e projetos de empreendedorismo e figurinha histórica, envolvendo alunos e famílias.

De fato, é possível destacar que a Escola Municipal Laura Queiroz é um símbolo de educação pública com mais de um século de história, que evoluiu de pequena unidade rural para um centro inovador de aprendizagem integral, com forte ênfase em sustentabilidade, protagonismo estudantil, metodologias ativas e inclusão social. Atualmente, a Escola Municipal Laura Queiroz, em Itabirito (MG), registra 271 alunos matriculados no Ensino Fundamental (anos iniciais) no turno integral, conforme dados mais recentes das plataformas escolares. Esse número corresponde ao total de alunos ativos “matriculados”, ou seja, que estão frequentando as aulas neste momento.

## 2.4 Diagnóstico da Educação Especial na Rede Municipal de Itabirito

### 2.4.1 Histórico do CMAEE

Em 2013, a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) realizou um diagnóstico na Rede Municipal de Ensino que identificou a necessidade de apoio e orientação em relação à inclusão das crianças com deficiências, transtorno do espectro autista e altas habilidades/superdotação.

De acordo com a cartilha informativa do CMAEE elaborada a partir de uma pesquisa, os profissionais especializados da SEMED promoveram triagens nas escolas, estudando casos apresentados e realizando mapeamento, atendimento e possíveis encaminhamentos para a Rede de Saúde do município. Na ocasião, para atender a demanda, um serviço especializado foi idealizado.

---

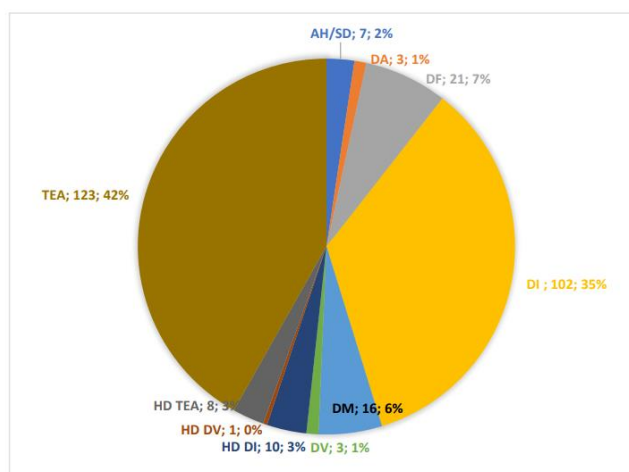
<sup>4</sup> Dado disponível em: <https://jornalvozativa.com>. Acesso em: 10 dez. 2024.

Sendo assim, foi Inaugurado em 2015, o Centro Municipal de Atendimento Educacional Especializado (CMAEE) que conta com especialistas em diversas áreas de atendimento escolar como Psicopedagogia, Psicologia, Terapia Ocupacional e Fonoaudiologia.

Em 2019, o atendimento foi ampliado com uma reestruturação do serviço, tornando-o ainda mais eficaz. Desde modo, o CMAEE passou, então, a atuar em três frentes de trabalho, com equipes especializadas, com o objetivo de estreitar laços com as Escolas Municipais.

Em 2021, a Secretaria Municipal de Educação realizou processo seletivo e contratou mais psicólogos, consolidando assim a estruturação do trabalho do CMAEE, em cumprimento à Lei nº 13.935 de 11 de dezembro de 2019, que dispõe sobre a prestação de serviços de Psicologia e de Serviço Social nas redes públicas de educação básica.

Figura 1: Números de estudantes da educação especializada atendidos pela rede municipal de ensino de Itabirito até 18/02/2024



Fonte: CMAEE (2024).

Figura 2: Deficiências infantis e seus números na cidade de Itabirito/2024

DEFICIÊNCIA	NÚMERO
AH/SD	7
Deficiência Auditiva	3
Deficiência Física	21
Deficiência Intelectual	102
Deficiência Múltipla	16
Deficiência Visual	3
HD Deficiência Intelectual	10
HD Deficiência Visual	1
HD TEA	8
TEA	123

Fonte: CMAEE (2024).

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1 Fases da Pesquisa

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa seguiu as seguintes fases: primeiramente, apontou os materiais de literatura infantil acessíveis de modo geral no mercado, foi feito um levantamento desses materiais a título de conhecimento; num segundo momento, deu-se a pesquisa na Rede Municipal de Itabirito sobre os materiais de literatura infantil referente à acessibilidade disponível; e, em um terceiro momento, realizou-se a exposição das obras disponíveis da Rede Municipal, Estadual e da Biblioteca Pública da cidade de Itabirito para conhecimento dos professores da escola em que atuou, Escola Municipal Laura Queiroz. Além do mais, visibilizou o material disponível para o trabalho com as crianças que precisam de acessibilidade, com o objetivo de incentivar a atuação dos professores no uso do material acessível para a contação de história.

#### 3.2 Plano de ação

Foram investigadas na rede municipal de ensino de Itabirito obras literárias com acessibilidade para trabalhar contação de histórias com estudantes público alvo da Educação Especial e demais estudantes.

Após coletar materiais acessíveis, através de obras físicas, audiovisuais, vídeos, dentre outros, existentes, foi realizada na escola de atuação da presente autora uma exposição com os materiais encontrados na Rede Municipal de Itabirito e um folder informativo sobre a Comunicação Aumentativa e Alternativa.

#### 3.3 Apresentação do folder e das obras na Escola Municipal Laura Queiroz

Para que toda a pesquisa seja conhecida pelos professores que atuam na Escola Municipal Laura Queiroz, a exposição no espaço escolar com todas as obras físicas encontradas na Rede deu visibilidade aos professores que atuam na escola.

O folder ressalta e explica sobre a importância da contação de história com foco para a comunicação aumentativa e alternativa. Ele foi disponibilizado na escola e também na SEMED.

Figura 3: Folder parte 1

Acreditamos que a educação é a chave para um futuro melhor para todos.

**COMUNICAÇÃO AUMENTATIVA E ALTERNATIVA**  
CAA

COZINHOS DUPLICADOS	CASA DOS TRES URSOS	PAPA URSO	MAMAE URSA
URUBINO	URUBINO	URUBINO	URUBINO
CADERNO DO PAPA	CADERNO DA MAMAE	CADERNO DO URUBINO	
CAIXA DO PAPA	CAIXA DA MAMAE	CAIXA DO URUBINO	

Professora responsável:  
Carla Daniela de Vasconcelos

Escola Municipal "Laura Queiroz"

Ano: 2025

**PROJETO CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E LITERATURA INFANTIL**

ACESSIBILIDADE COM FOCO PARA A COMUNICAÇÃO AUMENTATIVA E ALTERNATIVA

LASEB  
FaE  
Faculdade de Educação  
UFMG UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Figura 4: Folder parte 2

**O QUE É COMUNICAÇÃO AUMENTATIVA E ALTERNATIVA?**

A Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) é um conjunto de estratégias, métodos, recursos e tecnologias que ampliam ou substituem a fala de pessoas que têm dificuldades significativas para se comunicar de forma oral. Ela não substitui a linguagem oral quando ela é possível, mas complementa ou oferece uma alternativa para garantir que toda pessoa tenha o direito de se expressar, se relacionar e participar ativamente da sociedade.

**Quem pode se beneficiar da CAA?**

Pessoas com:

- Paralisia cerebral
- Transtorno do Espectro Autista (TEA)
- Síndrome de Down
- Deficiências múltiplas
- Afasia (após AVC ou trauma)
- Doenças degenerativas (como ELA)
- Atraso severo de linguagem

**Recursos usados na CAA**

- Quadros de comunicação com figuras, símbolos ou palavras
- Pranchas com fotos ou imagens
- Gestos e sinais (como Libras)
- Dispositivos eletrônicos com síntese de voz (como tablets ou computadores com softwares específicos)
- Apps de comunicação alternativa (ex: LetMeTalk, Livox, Avaz)

**Vamos juntos fazer a diferença!**

**Objetivo da CAA**

- Promover a autonomia da pessoa
- Favorecer a inclusão escolar e social
- Garantir o direito à comunicação como um direito humano básico

**Contação de Histórias com CAA na Escola:**

A Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) é uma estratégia fundamental para garantir o direito de comunicação a crianças que apresentam dificuldades na fala ou na linguagem oral. A contação de histórias, por sua vez, é uma prática pedagógica rica e envolvente que contribui para o desenvolvimento da linguagem, da imaginação e da socialização. Quando unidas, essas práticas tornam a aprendizagem mais acessível, inclusiva e significativa.

**Objetivos pedagógicos da contação com CAA**

- Ampliar a participação ativa de estudantes com deficiência;
- Favorecer o desenvolvimento da linguagem e da escuta ativa;
- Promover a interação social e o respeito às diferenças;
- Estimular a imaginação e a criatividade.

LIGAR	FORTE	MAGRO	FEIA
MUITO GRANDE	MUITO PEQUENO	FRACO	BONITA
MOLHADO	GRANDE	DELA	DELE
TEU	NOSSO	DELES	MEU
TEU	MEU	ESQUERDA	DIREITA

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

## 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A presente pesquisa nos possibilitou realizar uma análise de projetos e atividades de contação de histórias desenvolvidas no decorrer da nossa prática pedagógica. Dentre essas atividades, evidenciamos: projeto Maria Flor, feira literária e feira do livro. Além disso, destacamos que foi a partir de tais experiências, a saber, da contação de história, que descobrimos a necessidade de pesquisar obras de literaturas acessíveis que pudessem afetar a todos os estudantes. A seguir, apresentamos uma breve descrição das referidas atividades mencionadas.

### 4.1 Projeto Didático “Maria Flor”: contação de história – do imaginário ao real

Segue uma breve descrição de nosso trabalho com as crianças, através do Projeto Didático “Maria Flor”: contação de história – do imaginário ao real<sup>5</sup>.

No final do ano de 2017, surgiu a oportunidade de trabalhar, no ano seguinte, na biblioteca da escola. Eu atuaria diretamente com 13 turmas diferentes, de 1º ao 5º ano. Durante as férias escolares fiquei pensando como trabalhar em tantas turmas, como seria a disciplina, uma vez que a escola tinha um número muito alto de estudantes indisciplinados e com comprometimento da aprendizagem. Então, veio a ideia de criar uma personagem, não seria a Profª. Carla a “dar aulas”, mas me transformei na Maria Flor, e em uma contadora de histórias. Foi um sucesso. No momento da contação de histórias, me caracterizava com saia colorida, flores e um pandeiro. Em anexo, encontram-se fotos de momentos em que Maria Flor ocupava vários espaços na escola para contar histórias.

Atuei com a personagem Maria Flor durante dois anos, 2018 e 2019, e em 2020 veio a pandemia, então novamente tive que inovar. Maria Flor ganhou um canal no YouTube e gravava histórias que eram postadas nos grupos de Whatsapp da escola e nos blocos de atividades das crianças, quando elas ouviam as atividades e desenvolviam a parte escrita da história ouvida<sup>6</sup>.

O Projeto Maria Flor consiste em mostrar que é possível transformar vidas através das histórias contadas, pois incentiva as crianças e adolescentes a ouvir, apreciar, gostar de ouvir, ler histórias e soltar a imaginação, aguça e incentiva desde cedo a leitura do público infante juvenil. Trata-se de despertar através do lúdico, como forma terapêutica, a cura de traumas, fobias, medos,

---

<sup>5</sup> Como uma mostra do Projeto “Maria Flor”, veja a narrativa da contação de história da “Lenda do Bumba meu boi”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?reload=9&app=desktop&v=IFvJx-4Obt0>. Acesso em: 29 mai. 2025. Ver também a “Lenda do Manacá”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8jGuZq08Srg>. Acesso em: 29 mai. 2025

<sup>6</sup> Segue o link do canal da Maria Flor: a arte de contar histórias, viajar através do imaginário ou real, aprender através do lúdico, resgatar a cultura da contação de histórias, acalantar o coração das pessoas. Músicas, cores e amores, Maria Flor ao seu dispor. Disponível em: <http://www.youtube.com/@carladanielamariaflor910>.

uma vez que a história contada além de estimular a imaginação, a oralidade e a escrita, a contação de histórias é uma prática pedagógica que exercita as conexões neurais da criança, fazendo com que ela se identifique com as situações e desenvolva meios de lidar com seus sentimentos e emoções (MEC, 2021).

A metodologia empreendida é: ouvir histórias contadas pela professora e pela “Maria Flor” (personagem criada para exercer esse fim), pela professora e por outros, através de histórias, teatros, filmes e músicas; levar crianças e adolescentes à interação nos momentos de contação de história. Através dos recursos utilizados pela professora e pela personagem Maria Flor, como livros literários, histórias ouvidas, pote de pozinho mágico, livro encantado, flores e demais recursos utilizados nas diversas histórias, “abrir o mundo da imaginação” dos ouvintes. Dentre outras atividades, confeccionar a sacolinha literária que os estudantes levarão para casa com um livro de literatura todas as sexta-feiras com o objetivo de fazer uma leitura deleite junto com as família; preencher junto da família e ou da professora uma ficha literária a partir do livro literário lido; visita a Feira Literária promovida pela Secretaria Municipal de Educação de Itabirito e a participação em teatros promovidos pelo Atelier de Artes Integradas, Casa de Cultura Maestro Dungas e outros.

#### 4.2 Descrição de alguns materiais encontrados em escolas de Itabirito

A Rede Municipal de Ensino de Itabirito conta com algumas obras em braille para atender estudantes cegos e com baixa visão, tais como: audiolivros, livros com letras ampliadas, livros com texturas diferentes, dentre outros, conforme pode ser observado, a seguir.

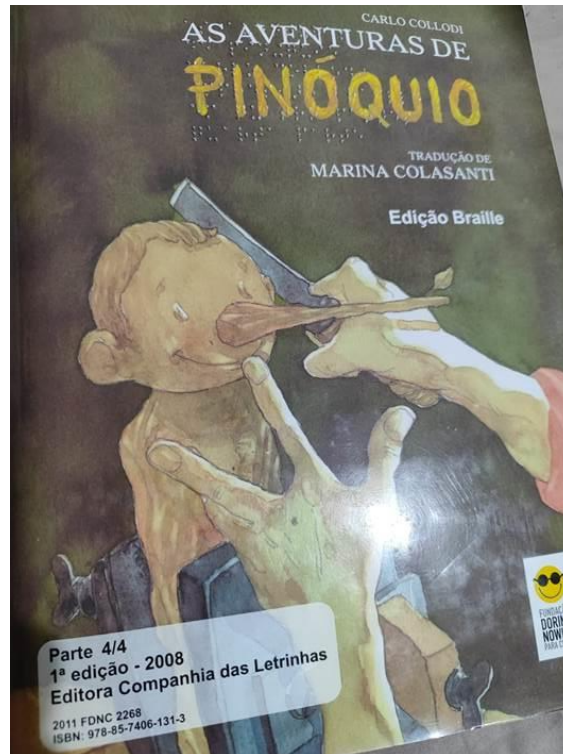
##### 4.2.1 Material com foco para acessibilidade visual

Figura 5: Página do livro *As Aventuras de Pinóquio* em braille



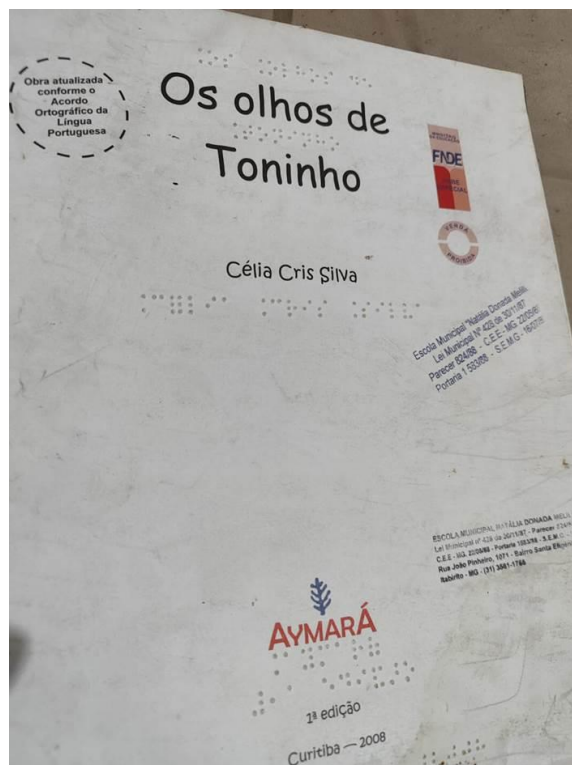
Fonte: a autora (2024).

Figura 6: Capa do livro *As Aventuras de Pinóquio* em braille



Fonte: a autora (2024).

Figura 7: Livro *Os olhos de Toninho* em braille



Fonte: a autora (2024).

#### 4.2.2 Material com foco para acessibilidade auditiva

Figura 8: Livro *Isso isso* - Obra escrita e Áudio livro

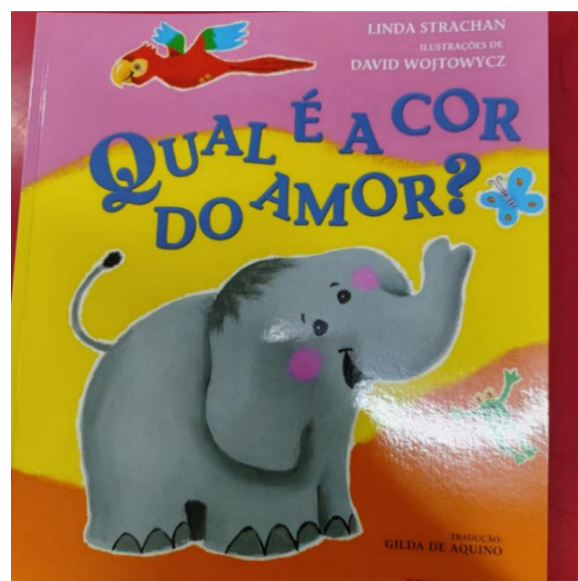


Fonte: a autora (2024).

#### 4.2.3 Material com foco para acessibilidade visual

A seguir apresentamos alguns livros com letras ampliadas, podendo ser usado por crianças com baixa visão ou dificuldades outras visuais. Trata-se de livros com letras ampliadas e contrastes de cores.

Figura 9: Capa do livro *Qual é a cor do amor?* (Fonte ampliada)



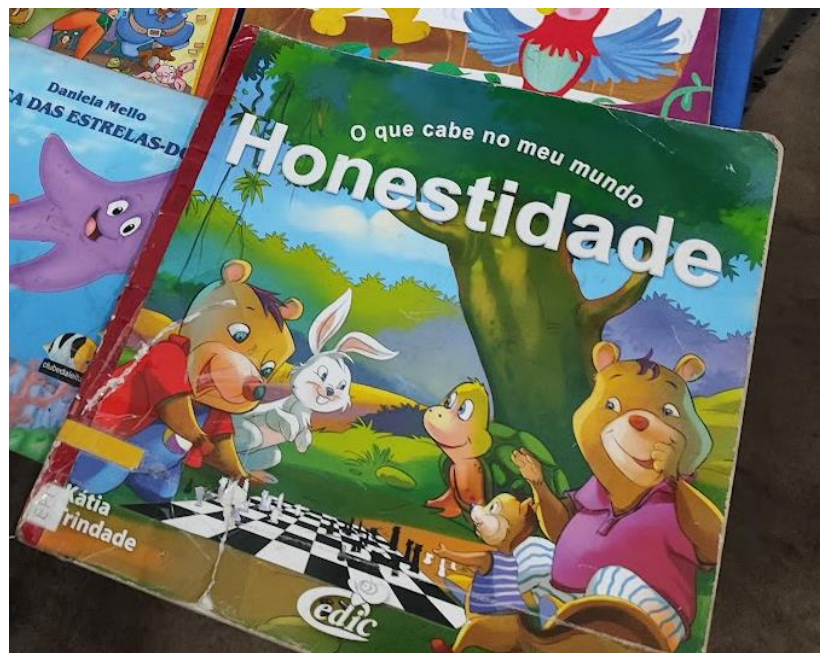
Fonte: a autora (2024).

Figura 10: Capa do livro *Juju* (Fonte ampliada)



Fonte: a autora (2024).

Figura 11: Capa do livro *Honestidade* (Fonte ampliada)



Fonte: elaborada pela autora (2024).

#### 4.3 Registros de momentos de contação de história

A contação de histórias, quando aliada ao uso criativo dos espaços escolares, torna-se uma poderosa ferramenta de aprendizagem e encantamento. Ao levar as crianças para ambientes externos, como jardins, pátios, varandas e até mesmo espaços sombreados sob árvores, a experiência narrativa se expande, rompendo os limites da sala de aula tradicional.

Durante os registros realizados ao longo do projeto, foi possível observar que a apropriação dos espaços ao ar livre trouxe novas camadas de significado à escuta e à imaginação infantil. As histórias, quando contadas sob o céu aberto, parecem ganhar vida própria: o som do vento, os pássaros, a textura do chão e a presença do verde tornaram-se elementos sensoriais que enriqueceram a vivência.

As crianças demonstraram maior concentração, liberdade de expressão e envolvimento com os enredos propostos. Muitos interagiram espontaneamente com o ambiente, buscaram folhas para representar personagens, usaram galhos como varinhas mágicas ou escolheram “cantinhos” específicos para ouvir mais confortavelmente. Essa movimentação revelou não só a escuta ativa, mas também a construção de significados a partir da relação corpo-espço-narrativa.

Além disso, o uso das áreas externas, material acessível, recursos como fantoches e materiais sonoros promoveram momentos de socialização e pertencimento. A roda de história sob uma árvore tornou-se um ritual esperado por muitos, fortalecendo vínculos afetivos e ampliando as oportunidades de participação inclusiva, especialmente entre os estudantes com deficiência, que se beneficiaram com a diversidade de estímulos oferecidos por esses ambientes.

Assim, os registros desses momentos evidenciam que a contação de histórias, quando vivida em espaços abertos e acolhedores, ultrapassa o ato de narrar: torna-se experiência estética, educativa e profundamente significativa.

A seguir, apresentamos algumas fotos com a utilização de recursos visuais e sonoros na contação de história na Escola Municipal Laura Queiroz.

#### 4.3.1 Explorando ambientes, apropriação das áreas externas da escola

Figura 12: Pergolado (1) da Escola Laura Queiroz entre árvores e flores



Fonte: a autora (2024).

Figura 13: Pergolado (2) da Escola Laura Queiroz entre árvores e flores



Fonte: a autora (2024).

Figura 14: Pergolado (3) da Escola Laura Queiroz entre árvores e flores



Fonte: a autora (2024).

Figura 15: Pergolado (4) da Escola Laura Queiroz entre árvores e flores



Fonte: a autora (2024).

Figura 16: Pátio da Escola Laura Queiroz entre árvores e flores



Fonte: a autora (2024).

#### 4.3.2 Contação de história temática: utilização de recursos visuais, táteis, sonoro e cenários

As fotos seguintes mostram a contação de história temática, com utilização de recursos visuais, táteis, sonoros e cenários de acordo com a história contada. Para tal, utilizamos diversos espaços da escola, interagindo os momentos diferentes. A contação de histórias temáticas com a utilização de recursos (visuais, sonoros, fantoches, objetos, entre outros) é uma prática pedagógica rica, que proporciona inúmeros benefícios para o desenvolvimento infantil e para o processo de ensino-aprendizagem, por exemplo, estimula à imaginação e à criatividade.

As histórias temáticas ampliam o universo simbólico da criança. O uso de recursos físicos ou digitais torna a experiência mais vívida e interativa, facilita a aprendizagem de conteúdos específicos. Ao abordar temas como meio ambiente, diversidade, valores ou higiene de forma lúdica, a criança assimila melhor o conteúdo. Os recursos ajudam a ancorar conceitos abstratos em imagens concretas.

A escuta ativa promove a ampliação do vocabulário. Com esses recursos, as histórias temáticas ajudam as crianças a se colocarem no lugar do outro. Outras questões não somente relativas à tecnologia são auxiliadas, como: empatia, resolução de conflitos e autoconhecimento são trabalhadas de forma sutil e envolvente, favorecendo a inclusão e promovendo o vínculo afetivo (Busatto, 2006).

Abaixo, as imagens das encenações e atividades, que demonstram o ambiente convidativo, diverso, lúdico, frutífero e inclusivo das contações de histórias.

Figura 17: Encenação do *Sítio do Picapau Amarelo* – personagem Emília



Fonte: a autora (2024).

Figura 18: Exploração da caixa sensorial no Pergolado da Escola



Fonte: a autora (2024).

Figura 19: Auditório da escola - recursos auditivos e visuais com fantoches e instrumentos musicais



Fonte: a autora (2024).

Figura 20: Descoberta da Joanelha



Fonte: a autora (2024)

#### 4.3.3 Contação de história: Feira do livro

Os benefícios da visita em outros ambientes, por exemplo, à Feira do Livro com contação de Histórias, despertam o gosto pela leitura. Ao ouvir histórias em um ambiente lúdico e diferente, a criança se encanta pelo universo dos livros; cria uma associação positiva entre leitura e prazer; amplia o repertório cultural. O contato com diferentes livros, autores, temas e ilustrações expande os horizontes culturais; estimula a curiosidade e o desejo de conhecer novas histórias e gêneros literários. A escuta ativa durante a contação de histórias contribui para o desenvolvimento da oralidade, da escuta e do vocabulário. As crianças aprendem novas palavras e formas de se expressar. O ato de

ouvir histórias em um contexto envolvente favorece a construção de imagens mentais e o pensamento criativo (Busatto, 2006).

Além do mais, manusear livros, folhear páginas e observar ilustrações contribui para o desenvolvimento da coordenação e da apreciação estética e fortalece vínculos sociais e afetivos. A experiência coletiva da contação e da visita cria um momento de partilha entre colegas, professores e mediadores da leitura. As feiras literárias geralmente trazem histórias que representam diferentes culturas, formas de ser e pensar que amplia a visão de mundo das crianças, despertando o senso crítico. Algumas histórias trazem temas que provocam reflexões sobre valores, comportamentos e questões sociais.

Figura 21: Visita à feira do livro de Itabirito – 11/04/2025

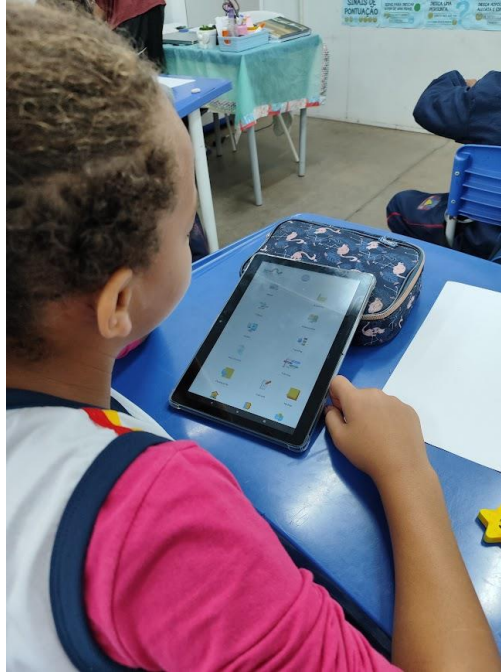


Fonte: a autora (2025).

#### 4.3.4 Benefícios do Tablet para leitura e escuta da história

São vários os benefícios do uso do tablet para leitura e escuta de histórias para estudantes com deficiência (PCD). Dentre eles, evidenciamos: acessibilidade ao conteúdo, pois os tablets permitem a utilização de recursos como audiolivros, narradores automáticos, textos com aumento de fonte, leitura em braille digital e tradução em Libras, além de tornar o material acessível para estudantes com baixa visão, deficiência auditiva, dislexia, paralisia cerebral, entre outras condições; integração com outras tecnologias assistivas, pois os tablets podem ser conectados a recursos de Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA), como pranchas de comunicação, leitores de tela e softwares específicos (Rodrigues, Bersch, 2015; Brasil, 2009, 2018).

Figura 22: Uso do tablet para leitura e escuta da história



Fonte: a autora (2024).

#### 4.3.5 Prancha de Comunicação

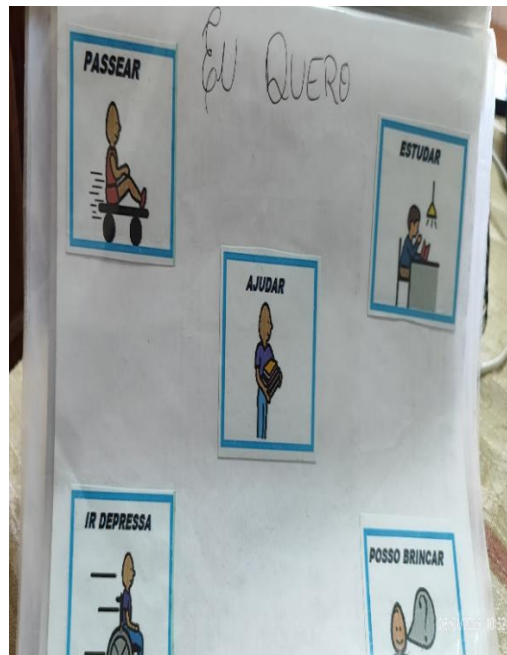
Os benefícios do uso da Prancha de Comunicação Alternativa na Contação de Histórias são também ricos e variados, pois promovem a inclusão comunicacional, permitindo que estudantes que não se comunicam pela fala, participem da narrativa, expressando ideias, sentimentos ou respondendo a perguntas durante a história (Beukelman, Miranda, 2013; Light, Mcnaughton, 2012).

Figura 23: Prancha de comunicação alternativa para auxiliar na comunicação



Fonte: a autora (2024).

Figura 24: Prancha de comunicação alternativa para auxiliar na comunicação



Fonte: a autora (2024).

#### 4.3.6 Registros de arte (pintura) a partir da história contada

Figura 25: Pinturas e Desenhos diversos



Fonte: a autora (2024).

Figura 26: Arte em pinturas - árvores



Fonte: a autora (2024).

Figura 27: Registros de desenhos feitos pelas crianças após ouvirem história



Fonte: a autora (2024).

#### 4.3.7 Visita à biblioteca pública de Itabirito

Figura 28: Visita à biblioteca pública de Itabirito – 25/10/2024



Fonte: a autora (2024).

#### 4.3.8 Feira Literária na Escola

A seguir, encontram-se imagens da feira literária realizada pela turma do quinto ano sob a responsabilidade da Professora Carla Daniela, na Escola Municipal Laura Queiroz, com a exposição dos trabalhos desenvolvidos com os estudantes a partir dos livros lidos.

Figura 29: Feira literária 2024



Fonte: a autora (2024).



Figura 32: Cantinho de leitura disponível na sala de aula



Fonte: a autora (2024).

Figura 33: Uso de recursos visuais como fantoches na contação de história



Fonte: a autora (2024).

#### 4.4 Plataformas e links acessados na internet

Além de sites e materiais disponíveis no youtube, existem diversas plataformas que oferecem livros de literatura infantil com recursos de acessibilidade, visando promover a inclusão de crianças com deficiência no processo de alfabetização e no universo da leitura. Seguem alguns desses vídeos com recursos de acessibilidade:

- Os três porquinhos - História infantil com pictogramas do ARASAAC
- <https://youtube.com/watch?v=ccWyHzNQL20&feature=shared>
- <https://youtu.be/Ow2hXWufVE0?si=tSnzBlmuFXB8liRH>
- <https://www.youtube.com/watch?v=B7ltYTgKM3I>

Este último vídeo do youtube apresenta histórias sociais adaptadas para crianças autistas, utilizando recursos visuais que facilitam a compreensão e a comunicação. Além disso, o canal Comunique CAA oferece diversos conteúdos relacionados à Comunicação Aumentativa e Alternativa, incluindo vídeos que podem ser úteis para contação de histórias adaptadas.

Em seguida, seguem alguns aplicativos que colaboram para a mesma função:

- 1) LetMeTalk (Android/iOS - Grátis) - Aplicativo de CAA que pode ser adaptado para organizar sequências de histórias com imagens;
- 2) Pictello (iOS - Pago) – para a criação de histórias visuais com narração personalizada. Muito usado para contar histórias com apoio de símbolos e voz;
- 3) Tobii Dynavox – Snap Core First - Aplicativo robusto de CAA com acesso a pranchas e conteúdo educacional, incluindo histórias e atividades narrativas.

A seguir, apresentamos também algumas opções de plataformas disponíveis:

- 1) Portal do Livro Acessível: Plataforma que disponibiliza livros infantis em formatos acessíveis, como braille, audiolivros e livros digitais adaptados, promovendo a inclusão de crianças com deficiência visual.
- 2) Biblioteca Acessível da AED Tecnologia: Oferece uma variedade de livros infantis acessíveis, incluindo materiais em braille, audiolivros e livros com pictogramas, atendendo às necessidades de crianças com diferentes tipos de deficiência.
- 3) Projeto Livro Acessível - MEC: Iniciativa do Ministério da Educação que visa disponibilizar livros didáticos e paradidáticos em formatos acessíveis para estudantes com deficiência, promovendo a equidade no acesso à educação.

4) Literatura Acessível - UFSC: Projeto da Universidade Federal de Santa Catarina que desenvolve e disponibiliza obras literárias infantis em formatos acessíveis, como livros em braille e audiolivros, para crianças com deficiência.

5) Elo Editora - Acessibilidade: Editora que publica livros infantis com recursos de acessibilidade, incluindo textos em braille, audiodescrição e linguagem de sinais, visando atender crianças com diferentes necessidades.

6) Dorinateca - Fundação Dorina Nowill para Cegos: Disponibiliza gratuitamente livros infantis acessíveis para crianças com deficiência visual, incluindo obras em braille e audiolivros, promovendo o entretenimento e a educação inclusiva. E produz títulos da literatura infantil em múltiplos formatos acessíveis, como narração em português, audiodescrição, tradução em Libras e Leitura Fácil, visando a inclusão de todas as crianças (<https://www.dorinateca.org.br>)

7) Biblioteca Louis Braille: Possui um acervo com mais de 6 mil títulos entre audiolivros e livros em braille, sendo um dos mais completos do gênero, atendendo crianças com deficiência visual (<https://www.centrocultural.sp.gov.br/>).

8) Programa Leia para uma Criança - Itaú Social: Disponibiliza gratuitamente livros infantis com recursos de acessibilidade, como audiolivros e livros com tradução em Libras, promovendo a leitura inclusiva desde a infância (<https://www.itau.com.br/crianca/>).

Todas as referências citadas acima necessitam de cadastro gratuito. Disponível como aplicativos (app). Muitos livros têm recursos de leitura assistida. São bibliotecas virtuais excelentes, com recursos para promover a inclusão e o acesso à literatura infantil por crianças com deficiência. Essas plataformas oferecem uma variedade de recursos e formatos para atender às diferentes necessidades das crianças com deficiência, promovendo a inclusão e o acesso equitativo à literatura infantil.

#### 4.5 Discussão dos resultados

Trabalhar na contação de história utilizando materiais com foco em acessibilidade visual, sonora e tátil é essencial para garantir inclusão, equidade e aprendizagem efetiva para todos os estudantes, especialmente aqueles com deficiência visual parcial ou total, deficiência auditiva, ou múltiplas deficiências. Como é possível identificar, a Constituição Brasileira e a Lei Brasileira de Inclusão (LBI – Lei 13.146/2015) asseguram o acesso à informação e à comunicação em formatos acessíveis. Dessa maneira, utilizar materiais adaptados (como textos em braille, audiolivros ou imagens com contraste adequado) é um direito da pessoa com deficiência.

Os materiais acessíveis permitem que o estudante participe de forma ativa e com independência nas atividades escolares, favorecendo autoestima, protagonismo e senso de

pertencimento. Deste modo, a utilização de recursos acessíveis estimula a imaginação, linguagem, memória e atenção, ajudando o estudante a construir conhecimento por múltiplos canais sensoriais. O uso de material acessível beneficia os estudantes e toda a comunidade escolar, pois incentiva a empatia, o respeito à diversidade e uma prática pedagógica mais universal. Sendo assim, as crianças com deficiência têm o direito de acessar obras literárias em formatos que respeitem suas necessidades sensoriais e cognitivas que estão garantidos pela Lei Brasileira de Inclusão (LBI, art. 42).

A contação de histórias acessíveis ativa múltiplas áreas do cérebro relacionadas à memória, linguagem, atenção e imaginação. Quando adaptadas, as histórias se tornam compreensíveis e significativas para todas as crianças, inclusive aquelas com deficiência visual, intelectual ou múltipla, permitindo assim que todas as crianças participem da experiência literária em igualdade de condições, o que fortalece o vínculo social, o sentimento de pertencimento e o respeito à diversidade.

Histórias contadas com apoio de texturas, sons, objetos reais ou recursos visuais contrastantes criam uma narrativa envolvente e multissensorial. Isso beneficia não apenas crianças com deficiência, mas também as demais, ao ampliar repertórios sensoriais e emocionais. Ao compartilhar histórias adaptadas, através da contação de histórias, a turma vivencia o valor da acessibilidade e passa a reconhecer a importância de garantir meios de expressão e compreensão para todos, desenvolvendo uma postura mais inclusiva e solidária.

As escolas, por sua vez, podem favorecer aos estudantes o acesso a materiais de literatura acessíveis por meio de práticas pedagógicas inclusivas, investimentos em recursos adaptados e parcerias institucionais. Uma forma de prática pedagógica inclusiva é o investimento e utilização de materiais de literatura acessível, garantindo a diversidade de formatos nos acervos das bibliotecas escolares, como por exemplo, livros em braille, fonte ampliada e alto contraste, audiolivros e livros digitais com leitor de tela compatível, livros táteis e com texturas para crianças com deficiência visual ou múltipla, bem como com o uso de pictogramas ou símbolos CAA para estudantes com deficiência intelectual, autismo ou sem fala oral, como a prancha de comunicação.

Para viabilizar a literatura acessível nas escolas é possível solicitar títulos acessíveis às bibliotecas públicas, centros de apoio à inclusão (como CAPs), ou por meio do PNLD Literário, que já inclui livros acessíveis na seleção. Além da busca pelo acesso, é necessário que haja formação de professores para uso de recursos acessíveis. Os professores precisam de formação para selecionar, adaptar e aplicar materiais acessíveis de forma eficaz, respeitando as necessidades específicas dos estudantes com deficiência.

Outras ações necessárias que são possíveis à todas as escolas são as oficinas sobre uso de pranchas de comunicação, audiodescrição, braille e CAA, estudos sobre o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), planejamento de contações de histórias com recursos multissensoriais e

adaptação de materiais já existentes. Mesmo quando não há livros acessíveis disponíveis, as escolas podem adaptar obras da literatura infantil por meio de reescritas simplificadas com apoio visual (CAA), narração com sons e objetos (contação sensorial), criação de versões em PowerPoint narrado, vídeos com Libras ou textos com audiodescrição até mesmo envolver os próprios estudantes na criação de versões acessíveis é uma prática pedagógica inclusiva e criativa.

A formação de parceria com instituições especializadas também beneficia as práticas inclusivas. Parcerias como com Institutos de Cegos (ex: Benjamin Constant, Dorina Nowill), Núcleos de acessibilidade de universidades públicas, editoras inclusivas, como Benjamin, Paulinas Acessíveis, Mais Diferenças, podem fornecer livros, formações, empréstimos e suporte técnico.

Diante disso, é necessário garantir, através dos documentos pedagógicos da escola, a literatura acessível. Para isso é preciso prever no PPP (Projeto Político-Pedagógico) e no Plano de Ensino a inclusão de literatura acessível como parte da prática escolar, fazer constar nos relatórios de atendimento e no PDI (Plano desenvolvimento Individual) o uso de literatura adaptada conforme as necessidades do estudante.

As escolas devem apoiar-se nas legislações vigentes para a inclusão e acessibilidade: Lei Brasileira de Inclusão – LBI (Lei 13.146/2015): garante o acesso à cultura e à educação em formatos acessíveis; BNCC: assegura o direito de todos os estudantes à leitura literária desde a Educação Infantil; Decreto nº 9.765/2019: trata do Livro Acessível no âmbito do PNLD.

Sendo assim, garantir o acesso à literatura infantil por meio de materiais acessíveis é um compromisso com a inclusão, a equidade e o direito de todos os estudantes à formação leitora e cultural. As escolas desempenham um papel fundamental ao promover práticas pedagógicas que respeitam as diferentes formas de ler, ouvir, sentir e interpretar o mundo, especialmente no caso de crianças com deficiência.

A análise dos dados coletados para esta ACPP evidenciou a importância da literatura infantil como ferramenta pedagógica na promoção da inclusão escolar. Os resultados apontam que, embora a maioria das escolas participantes reconheça o valor da literatura para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social das crianças com deficiência, ainda há desafios significativos no que se refere à adoção efetiva de materiais acessíveis, as escolas providenciam os materiais acessíveis de literatura, somente após receber um estudante com deficiência, sendo assim, a demora para receber ou adaptar os materiais existentes é grande, prejudicando assim a criança. Essa lacuna revela a necessidade urgente de políticas públicas e formações que capacitem as escolas para o uso de materiais inclusivos, mesmo que na escola ainda não exista o público alvo da educação especial. É preciso que a escola esteja preparada para receber estes estudantes de forma imediata.

Em minhas contações de histórias, pude comprovar que promovendo práticas inclusivas com literatura adaptada, há um maior engajamento dos estudantes com deficiência, tanto na participação em rodas de leitura quanto na expressão de ideias e sentimentos. Há uma melhoria na interação social, na oralidade e na autoestima dos alunos que utilizam recursos como pranchas de CAA, livros com texturas e histórias com narração sensorial.

Outro ponto relevante refere-se à formação docente que não recebeu em sua formação inicial a formação específica sobre adaptação de obras literárias ou uso de tecnologia assistiva na leitura infantil, dependendo de iniciativas isoladas ou da colaboração com especialistas em educação especial. Essa carência formativa impacta diretamente na qualidade e na frequência das práticas inclusivas.

Além disso, foi possível observar que escolas e universidades pesquisadas com projetos de leitura acessível institucionalizados, como bibliotecas com acervos adaptados, parcerias com instituições especializadas ou uso de materiais do PNLD acessível, apresentaram maior capacidade de atender à diversidade dos alunos, promovendo experiências literárias mais ricas e significativas. Assim, os resultados da pesquisa confirmam que a literatura infantil inclusiva tem potencial transformador no processo educativo, mas que sua implementação depende de acesso a recursos, apoio institucional e formação continuada dos profissionais envolvidos.

Após a conclusão desta pesquisa, evidenciamos a atuação da professora Jáima Pinheiro de Oliveira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que nos instiga a continuar a pesquisa sob o viés da Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) como ferramenta essencial para promover a participação ativa de crianças com deficiências nos processos educativos e sociais. Sugerimos como aprofundamento a leitura do livro *“A linguagem e o brincar em condições neurodiversas”* (2022) organizado por Jáima Pinheiro de Oliveira, Aila Narene Dahwache Criado Rocha e Ana Paula Loução Martins, as autoras enfatizam que o acesso à comunicação é um direito fundamental de todas as crianças, independentemente de suas condições de desenvolvimento. Elas argumentam que a CAA não deve ser vista apenas como um recurso compensatório, mas como uma estratégia que possibilita a expressão de desejos, sentimentos e pensamentos, promovendo a autonomia e a inclusão social das crianças.

Em adição a isso, nas pesquisas apresentadas, as autoras ressaltam a necessidade de formação adequada dos profissionais da educação para o uso eficaz da CAA, bem como a importância de políticas públicas que garantam o acesso a esses recursos nas escolas. As autoras defendem uma abordagem que reconheça a diversidade das formas de comunicação e valorize as potencialidades de cada criança, contribuindo para uma educação verdadeiramente inclusiva.

Em sua estrutura, o livro explora temas, como: avaliação da linguagem em crianças com deficiência visual; uso de recursos de Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) e tecnologia assistiva no brincar de crianças com paralisia cerebral; desenvolvimento da linguagem e o brincar na educação infantil, com implicações para o trabalho pedagógico com crianças com deficiência; importância do brincar para o desenvolvimento da comunicação no Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).

A obra enfatiza também a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas que considerem as especificidades de cada criança, promovendo o desenvolvimento da linguagem e da comunicação por meio do brincar. É uma leitura recomendada para educadores, terapeutas, pesquisadores e demais profissionais interessados na promoção da inclusão e no apoio ao desenvolvimento de crianças neurodiversas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho, fazemos algumas considerações. Primeiramente, detectamos o quanto é necessário e exigente o trabalho que prioriza aspectos de acessibilidade, com foco para a Comunicação Aumentativa e Alternativa. Evidenciamos também o papel da literatura infantil com acessibilidade na alfabetização de crianças com deficiência. Ela desempenha um papel essencial na alfabetização de crianças com deficiência, pois promove inclusão, estimula o desenvolvimento cognitivo e emocional, e garante o direito de acesso à cultura e à educação de forma equitativa. Alguns aspectos desse papel são:

1. Inclusão e Equidade: A literatura acessível garante que crianças com deficiência tenham igualdade de oportunidades no processo de alfabetização. Ao adaptar os materiais para diferentes necessidades, cria-se um ambiente inclusivo em que todas as crianças se sentem representadas e acolhidas. Essa representação é essencial para o desenvolvimento da autoestima e do sentimento de pertencimento ao meio.

2. Estímulo à Leitura e à Escrita: Livros adaptados, como aqueles em braille, com pictogramas, audiolivros, linguagem de sinais e letra ampliada, permitem que a criança com deficiência tenha contato direto com o texto, respeitando suas especificidades. Esse contato favorece o desenvolvimento da consciência fonológica, do vocabulário e da compreensão textual, que são habilidades fundamentais no processo de alfabetização.

3. Desenvolvimento Cognitivo e Linguístico: A literatura infantil trabalha a linguagem de forma lúdica e contextualizada, facilitando a aquisição de estruturas linguísticas mesmo para crianças com dificuldades de comunicação ou processamento. Além disso, estimula a imaginação, a memória, a atenção e a percepção sensorial, aspectos essenciais para o desenvolvimento integral da criança.

4. Valorização da Diversidade: A presença de personagens com deficiência nas obras infantis contribui para que todas as crianças compreendam e valorizem a diversidade humana, promovendo o respeito e a empatia desde os primeiros anos. Para as crianças com deficiência, essa representação gera uma identificação positiva, fortalecendo sua identidade e autoestima.

5. Ferramenta Pedagógica: Educadores podem utilizar a literatura acessível como um recurso didático potente, integrando a leitura com atividades complementares como música, dramatização e artes. Isso permite um trabalho interdisciplinar que facilita a compreensão de conceitos e a adaptação do conteúdo curricular de forma mais inclusiva.

6. Apoio à Família: A literatura acessível também possibilita uma participação mais ativa de pais e responsáveis no processo de alfabetização, mesmo quando a criança apresenta

alguma limitação. Os livros adaptados tornam-se um elo de comunicação e aprendizagem no âmbito familiar, reforçando a importância do vínculo afetivo na educação.

É importante que a Rede Municipal de Educação de Itabirito tenha disponível em número maior os livros com Acessibilidade na Literatura Infantil, para que assim todos os estudantes sejam afetados e contemplados no momento da contação de história. Para isso, é primordial que os professores conheçam o que a Rede oferece, que ainda é insuficiente, e sobretudo saibam que há um vasto mundo de possibilidades através da CAA, como os recursos listados abaixo: livros em braille para crianças com deficiência visual, livros com pictogramas (PCS) para crianças com autismo ou dificuldades cognitivas, audiolivros e livros com narração úteis para crianças com deficiência visual ou múltiplas deficiências, língua brasileira de sinais (libras), livros com vídeos ou imagens em libras e livros com texturas e ilustrações táteis que favoreçam a exploração sensorial.

Concluimos que a literatura infantil com acessibilidade é um instrumento transformador na alfabetização de crianças com deficiência. Ela democratiza o acesso ao conhecimento, respeita as diferenças individuais e contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa. Sua presença nas escolas e nos lares é essencial para garantir o pleno desenvolvimento das capacidades dessas crianças.

Além dos livros, descobrimos que há também vários sites que poderão auxiliar para que a acessibilidade literária seja realidade em nossa Rede de Ensino.

Enfim, citamos um pensamento que expressa a intenção de nosso trabalho sobre a comunicação aumentativa e alternativa, acompanhado de um poema:

“A potência consoladora das histórias, a linguagem simbólica abre caminhos, alimenta a imaginação, nos reconecta com parcelas esquecidas do nosso ser” (Jean Clark Juliano).

### **A arte de restaurar histórias**

Saúdo-os e desejo-lhes sol,  
E chuva, quando a chuva é precisa,  
E que as suas casas tenham  
Ao pé duma janela aberta  
Uma cadeira predileta  
Onde se sentem, lendo os meus versos.  
E ao lerem os meus versos pensem  
Que sou qualquer coisa natural.  
Por exemplo, a árvore antiga  
À sombra da qual, quando crianças,  
Se sentavam com um baque, cansados de brincar,  
E limpavam o suor da testa quente  
Com a manga do bibe riscado.

(Alberto Caeiro, *O guardador de rebanhos*)

“Contar histórias é, acima de tudo, oralidade. Contar histórias é ação tradicional, pois, muito antes de aprendermos a nos expressar por meio da escrita, nos comunicávamos oralmente e, assim, passávamos nossos conhecimentos uns para os outros. Por mais que a sociedade atual seja centrada na escrita, a comunicação por meio da fala ainda é muito empregada. Portanto, as habilidades de expressão oral devem ser estimuladas nas crianças desde o seu nascimento” (MEC, *Guia – Contação de histórias*).

## REFERÊNCIAS

- BEDRAN, Bia. **A arte de cantar e contar histórias**: narrativas orais e processos criativos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BENJAMIN, Walter. **O contador de histórias e outros textos**. Trad. Georg Otte, Marcelo Backes, Patrícia Lavelle. 2 ed. São Paulo: Hedra, 2020.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- BEUKELMAN, David R, MIRENDA, Pat. **Augmentative and Alternative Communication: Supporting Children and Adults with Complex Communication Needs**. 4. ed. Baltimor: Paul H. Brookes Pub, 2013.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 7 jul. 2015.
- BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI. Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica. Brasília: MEC, 2009.
- BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis/SC, Brasil, v. 6, n. 12, p. 32-44, 2001. DOI: 10.5007/1518-2924.2001v6n12p32. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32>. Acesso em: 03 mar. 2025.
- CMAEE. **Inclusão Escolar**. Secretaria Municipal de Educação (SEMED), Prefeitura de Itabirito – MG. [s.d.].
- FALB. **Contar Histórias contribui para instigar a imaginação e criatividade das crianças**. 17 out. 2016. Disponível em: <https://www.falb.org.br/contar-historias-contribui-para-instigar-a-imaginacao-e-criatividade-das-criancas/#>. Acesso em: 03 mar. 2025.
- FONSECA, Cláudia Damasceno. **História de Itabirito**: do arraial colonial à emancipação municipal (1709–1923). HPIP – Heritage of Portuguese Influence/História e Urbanismo, Itabirito-MG.
- LIGHT, Janice. Interaction Involving Individuals Using Augmentative and Alternative Communication Systems: State of the Art and Future Directions for Research, **Augmentative**

**and Alternative Communication**, v.4, n. 2, 1988, p. 66–82 . DOI:  
<https://doi.org/10.1080/07434618812331274657>.

LIGHT, Janice. Toward a definition of communicative competence for individuals using augmentative and alternative communication systems. **Augmentative and Alternative Communication**, v. 5, n. 2, p. 137–144, 1989.

LIGHT, Janice; McNAUGHTON, David, *et. al.* Communicative Competence for Individuals who require Augmentative and Alternative Communication: A New Definition for a New Era of Communication? **Augmentative and Alternative Communication**, v. 30, n. 1, 2014, p. 1-18. DOI: <https://doi.org/10.3109/07434618.2014.885080>.

MEC, **Guia – Contação de Histórias**, 2021. Disponível em:  
[https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/guia\\_de\\_contacao\\_de\\_historias.pdf](https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/guia_de_contacao_de_historias.pdf). Acesso em: 15 dez. 2024.

OLIVEIRA, Jáima Pinheiro de; ROCHA, Aila Narene Dahwache Criado; MARTINS, Ana Paula Loução (Orgs.). **A Linguagem e o Brincar em Condições Neurodiversas**. Campinas: Oficina Universitária (UNESP), 2022. DOI: 10.36311/2022.978-65-5954-326-7.

PERLIN, Gládis. Literatura infantil inclusiva: leitura e acessibilidade na formação do leitor. In: BEINEKE, Viviane (Org.). **Educação e inclusão: práticas pedagógicas acessíveis**. Porto Alegre: Penso, 2017, p. 75–89.

PMBG. **Projeto de Contação de histórias mostra como “a leitura é transformadora”**. Prefeitura Municipal de Baixo Gandu, ES. [s.d]. Disponível em:  
<https://pmbg.es.gov.br/projeto-de-contacao-de-historias-mostra-como-a-leitura-e-transformadora/>. Acesso em; 03 mar. 2025.

RODRIGUES, Denise; BERSCH, Rita. **Tecnologia assistiva na escola inclusiva**. Porto Alegre: Mediação, 2015.

RODRIGUES, Viviane. *et al.* O uso da comunicação suplementar e alternativa como recurso para interpretação de livros de literatura infantil. **Revista CEFAC**, v.18, n. 3, maio-junho de 2016, p. 695-703. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/rcefac/a/ctkGknQfjGWNFLsDtNp7MJs/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 fev. 2025.

SANTOS, Eric da Silva *et. al.* **Comunicação Aumentativa e Alternativa como ferramenta para promoção da inclusão escolar**. Anais do X CONEDU, 2024.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3ª ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

SUNDERLAND, Margot. **O valor terapêutico de contar histórias para crianças, pelas crianças**. São Paulo: Cultrix, 2005.

VASCONCELOS, Carla Daniela (Maria Flor). **Lenda do Bumba meu boi**. Disponível em:  
 <<https://www.youtube.com/watch?reload=9&app=desktop&v=IFvJx-4Obt0>>. Acesso em: 29 mai. 2025.

VASCONCELOS, Carla Daniela (Maria Flor). **Lenda do Manacá**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8jGuZq08Srg>. Acesso em: 29 mai. 2025.

WERNECK, Cláudia. **Ninguém mais vai ser bonzinho**: na sociedade inclusiva, diferença é convívio. 2. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1997.